



Diego M. Rodeguero

Hentai

Um estudo do mangá lido
entre quatro paredes

2006

© *Diego de Mello Rodeguero, 2006*

A reprodução deste trabalho é permitida, desde que sem finalidades comerciais e que seja mantido este aviso. A modificação deste trabalho para a produção de obras derivadas é permitida, desde que sem finalidades comerciais, que seja mantido este aviso, e que as modificações introduzidas sejam identificadas.

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Departamento de Jornalismo e Editoração

Diego de Mello Rodeguero

Hentai

Um estudo do mangá lido
entre quatro paredes.

Monografia apresentada
como trabalho de conclusão
de curso, para a
disciplina CJE 314 –
Projeto Experimental em
Produção Editorial

Orientador:
Prof. Waldomiro Vergueiro

São Paulo

2006

“Rule 34: There is porn of it. No exceptions.”

Agradecimentos

A Fernanda Abreu, pelas revisões, pelos comentários, pelo auxílio na pesquisa, por todas as dicas e conselhos e principalmente por não desistir.

Ao Prof. Waldomiro Vergueiro, pela orientação objetiva e precisa, por todo o material cedido e por aceitar orientar um trabalho tão estranho.

A Cinthia Takeda, por todas as informações a respeito dos tipos que eu não conhecia tão bem, e as imagens que as acompanharam.

A Erika Abreu, também por todas as informações, e mais as traduções.

A Fumiê Nagano, por se esforçar tanto para descobrir aquele último caractere japonês que faltava traduzir em todo o trabalho.

A Flávio Uriondo, dono do site Banca 2000, que se disponibilizou tão prontamente a responder minhas perguntas.

A todos os milhares de *Anonymous* nas *imageboards* da Internet, por me tirar as dúvidas que ninguém mais poderia tirar.

Resumo

A entrada dos mangás (quadrinhos japoneses) no Brasil nos últimos anos trouxe ao país gêneros muito diferentes dos que comumente habitavam as prateleiras das bancas. Entre eles está a peculiar pornografia dos quadrinhos japoneses, chamada *hentai*.

A presença de mangás hentai no mercado brasileiro ainda é inexpressiva, no entanto, estando limitada a uns poucos tipos dentre as dezenas existentes, muitos dos quais já circulam por outros países ocidentais. Não bastasse, bibliografia sobre o tema, tanto no país quanto no exterior, resume-se a poucos livros que tentam englobar este complexo gênero de uma só tacada.

Este trabalho tem por objetivo, pois, enumerar os tipos diferentes de mangás hentai e analisá-los um a um, de modo a mostrar a abrangência do gênero e tirar-lhe o estigma de “pornografia” pura e simples. Espero que o texto auxilie na compreensão da profundidade e variedade do mangá hentai e eventualmente sirva para trazer oficialmente ao país mais de seus títulos.

Abstract

The recent years' influx of Japanese comics, called manga, into the Brazilian comic book market brought to the country a plethora of genres unlike those commonly found in the shelves of comic shops. Among them came the unusual pornographic comics of Japan, called *hentai*.

The presence of hentai manga in Brazil is still negligible, however, limited to very few types among the tens found in Japan – and in other western countries as well. Furthermore, published works on the theme, both in Brazil and overseas, are limited to a couple of books that attempt to deal with this complex genre in a single pass.

This paper, therefore, has as its primary goal to list the different existing types of hentai manga and to analyze each of them to show how far the genre can reach and wash away the stain of run-of-the-mill pornography. I hope this work will aid in the comprehension of this genre's depth and variety and eventually lead to an increase in the number of titles released in the country.

Palavras-chave

Hentai, tipos de / mangá / ecchi / ero / H / pornografia / Japão / entretenimento / yaoi / yuri / lolicon / shotacon / BDSM / tentáculos.

Sumário

| | |
|--|----|
| Hentai, <i>ero</i> , H, <i>ecchi</i> | 15 |
| Apresentação | 17 |
| O que, por que, como | 21 |
| Estrada para a perversão | 25 |
| História do hentai | 29 |
| Elementos comuns no hentai | 33 |
| Menores de idade | 33 |
| <i>Nekomimi</i> | 35 |
| BDSM | 37 |
| Uniformes | 37 |
| Brinquedos | 41 |
| Homens sem rosto | 43 |
| Visão interna | 45 |
| <i>Futanari</i> | 45 |
| Estupro | 49 |
| Principais tipos de mangá hentai | 51 |
| História em primeiro plano | 51 |
| Sexo “puro”, história em segundo plano | 55 |
| Crianças | 61 |
| Homossexualismo | 65 |
| Criaturas | 71 |

| | |
|---------------------------------|-----|
| Anormalidade física | 75 |
| Desvio social/psicológico | 81 |
| WTF | 89 |
| Guro | 91 |
| Outras mídias | 97 |
| Animê | 97 |
| Jogos | 99 |
| Na Internet | 100 |
| Merchandising diverso | 105 |
| Hentai no Brasil | 107 |
| Conclusão | 113 |
| Considerações finais | 117 |
| Referências | 121 |
| Títulos citados | 127 |
| Origem das figuras | 139 |
| Glossário | 147 |
| Anexo I | 161 |
| Anexo II | 163 |

Hentai, ero, H, ecchi

Hentai é um termo comumente usado no japonês moderno para designar uma pessoa, ação ou estado considerado estranho ou perverso; é também usado em biologia para se referir à metamorfose. Entretanto, a palavra também serve para descrever quaisquer atos sexuais que fogem àquilo que é considerado “normal”. De fato, o termo *nomaru* (do inglês *normal*) é usado às vezes como antônimo de *hentai*.

Além disso, *hentai* pode ser usado para designar um tipo específico de mangá e animê pornográfico de teor muito pesado, com conteúdo sexual extremo ou perverso. O gênero que engloba todo tipo de material erótico ou pornográfico – inclusive o *hentai* propriamente dito – é chamado *ero*, do inglês *erotic*. *Ecchi*, por sua vez, é a pronúncia japonesa para a letra ‘H’ em inglês (pronuncia-se “etchi”), atualmente usada como eufemismo para qualquer coisa relacionada a sexo – por exemplo, existe no Japão a expressão “fazer ecchi” (*ecchi suru*).

A expansão descontrolada do gênero na Internet, no entanto, trouxe ao Ocidente significados diferentes: aqui, qualquer mangá, animê ou ilustração de conteúdo erótico ou pornográfico é denominada *hentai*. Chama-se *ecchi* (e em raros casos *ero*) material erótico não explícito – inclusive mangás não considerados impróprios para menores, como *Love Hina* e *Chobits*. Neste trabalho, os significados ocidentais são usados. (Fonte: *Mark McLelland, A short story of “hentai”*)

Apresentação

Gostaria de dizer que a idéia de fazer um trabalho sobre mangás hentai me acompanhou durante anos e foi a primeira coisa a me passar pela cabeça, chegado o momento de começar meu trabalho de conclusão de curso. Infelizmente, não foi o caso.

“Por que mangá hentai não é vendido no Brasil?”, pensei um dia. Um anjo torto, desses que vivem na sombra (igual ao do Drummond), passava por perto em seu vôo manco e disse: “Esta pergunta será o tema de teu trabalho final!”. Aceitei o desafio sem me dar conta de que não sabia nada sobre a venda de mangás hentai no Brasil ou a quem poderia perguntar.

O trabalho original patinou, girou em falso, não saiu do lugar por várias semanas. Se me pedirem um único conselho sobre trabalhos finais, responderei prontamente: “Não escolha um tema cujas informações mais importantes dependem da disposição e boa vontade de desconhecidos”.

Certamente, imaginei, as próprias editoras saberiam dizer por que mangá hentai não é publicado no Brasil. Provavelmente sabem, mas não consegui fazê-las falar. Alguns não têm a resposta nem sabem quem tem, outros têm a resposta mas não tempo de compartilhá-la; a maioria nem respondeu. O mesmo vale para donos de bancas e até mesmo o público: de todas as perguntas que fiz, de todas as pessoas com quem tentei falar, apenas uma me deu um retorno positivo.

Frustração é um obstáculo tão intransponível quanto a falta de informações. O pouco do trabalho que eu podia redigir independente de terceiros não saía do lugar por completa falta de perspectiva. “De que adianta?” De nada. Desisti, busquei uma alternativa, de preferência uma que não me mantivesse mais um semestre preso a isso – a ECA parece ter se enamorado muito de mim, faz o que pode para ampliar minha estadia.

Esta foi a alternativa, sem dúvida o que devia ter feito desde o começo: um trabalho sobre o mangá hentai em si, não as peripécias das editoras e bancas e compradores nacionais. Encontrar respostas agora dependeria só de mim mesmo. Não depender de terceiros sobrepuja qualquer limitação de tempo: meu trabalho de conclusão de curso poderia ser feito, afinal.

Aqui está.

O que, por que, como

“Embora algumas [revistas] contenham histórias com temas voltados para os adultos, há os direcionados ao erotismo e à pornografia propriamente ditos, que não entrarão na análise deste trabalho.”

Esta é uma das frases finais da introdução de *Mangá: o Poder dos Quadrinhos Japoneses*, de Sonia Bibe Luyten, o livro mais importante no Brasil para qualquer um que queira conhecer melhor o universo dos mangás. A obra é muito completa, contemplando diversos estilos de mangá, contando sua história desde a Antigüidade até o fim do século XX, quando de sua publicação. Entretanto, como indica a frase mencionada, não trata de mangás eróticos e pornográficos – que chamaremos (erroneamente, como já visto) de *hentai* daqui em diante.

É muito raro encontrar informações sobre mangás *hentai* em livros sobre quadrinhos japoneses, mesmo no exterior. O livro *Hentai – A Sedução do Mangá*, organizado por Franco de Rosa e publicado pela Opera Graphica em 2005, quase quinze anos depois da primeira edição do livro de Sonia Luyten, parece ser uma notável exceção, não só em língua portuguesa. Informação sobre mangás *hentai* é, portanto, muito limitada, muitas vezes sendo preciso recorrer à Internet para uma explicação pouco menos superficial (e muitas vezes sem comprovação), ou mesmo buscar o próprio material para análise – o que traz sua própria dose de problemas.

Ora, quadrinhos pornográficos existem em todo o mundo, são celebrados na Europa com grandes álbuns em capa dura. Não há razão para colocar de lado um gênero de mangás (e animês, *artbooks*, jogos, calendários, lençóis) cuja história é quase tão antiga quanto a do próprio mangá e o conteúdo surpreendentemente diverso.

É fácil notar que essa diversidade ainda não alcançou o Brasil. Sem dúvida, temos uma lista invejável de mangás nas bancas e já publi-

cados, mas sua vertente para maiores permanece praticamente inexplorada. Temos no país *Love Junkies* e *Mouse* representando as *ero-comedies* periódicas, *Sade* em volume único, *O Vampiro que Ri* e *Ero-Guro* entre as *graphic novels*, edições questionáveis de *SaFadinhas* (*Bondage Fairies* nos EUA, *Insect Hunter* no Japão) e *Toshiki's Sensual Girls* (provavelmente *Hot Tails Extreme* nos EUA) e algumas coleções de imagens aleatórias claramente capturadas da Internet. Enquanto isso, a Eros Comix, editora americana de maior destaque no meio, publicou mais de trinta títulos hentai; até junho de 2006, a JBC contava com vinte e cinco mangás no total. Excetuando-se a produção nacional – de pouca diversidade –, portanto, temos um mercado editorial potencialmente grande e ainda longe de ser explorado.

Propus-me, então, a delinear o mangá hentai, categorizar seus tipos, talvez explicá-los. Como fonte, o próprio objeto; como objetivo, observá-lo e descrevê-lo até onde a vista alcança, pois esgotá-lo seria impossível. Afinal, como diz a “regra 34” da Internet, “Existe pornografia de tudo. Não há exceção.”. Considerando a enorme quantidade de hentai produzido o tempo todo e a riqueza de temas com que me deparei durante esse trabalho – alguns com os quais preferia não ter me deparado! –, não posso discordar.

Estrada para a perversão

Como já dito, existem pouquíssimos estudos e publicações sobre hentai. *Hentai – A Sedução do Mangá* foi o único livro exclusivamente sobre hentai que encontrei, não só no mercado nacional mas também entre publicações estrangeiras: os principais livros já publicados sobre mangá apenas mencionam vagamente o hentai. Não duvido da existência de muita coisa sobre o tema no próprio Japão, mas meu conhecimento da língua não é suficiente para descobrir tal material, tanto menos para analisá-lo.

Disse-me um professor, anos atrás: “não vale a pena pesquisar ou escrever sobre um tema que não lhe interessa ou que mal conhece”. Com este trabalho, evitei prontamente um dos erros: tenho interesse e conhecimento sobre o tema. Quanto ao material, ora, não há estudos e livros sobre hentai, mas há muito hentai ao alcance das mãos quando se sabe onde e como procurar (ou se já o tem): pode-se analisar o próprio hentai.

Meu interesse por mangás, como em muitos casos, deriva do interesse por animês, nascido por acaso durante uma exibição de *Zillion* na televisão brasileira e fomentado por eventuais repetições dos filmes de *Macross*, muitos anos antes de *Cavaleiros do Zodíaco* e tudo que se seguiu. Lembro-me de apreciar com enorme interesse propagandas de *Mai, a garota sensível* entre uma e outra história de Maurício de Souza, assim como a despedida deste autor na ocasião da morte de Osamu Tezuka – muitas edições da Turma da Mônica da época traziam algumas páginas tristes sobre o evento.

Infelizmente, pouco descobri entre esse período e os últimos anos da década de 1990. Antes da popularização da Internet, em pequenas redes chamadas BBS, finalmente tive contato com mais informações sobre mangá e animê e pude ler os primeiros capítulos de *Ghost in the Shell* – incluindo as famosas páginas censuradas na versão americana

do mangá. Mais que a pornografia em si, o ineditismo e a ousadia do autor me fascinaram – para alguém que jamais lera nada mais adulto que *Fantasma* e *Tex*, o choque foi grande. Procurei mais informações, descobri o hentai *per se*; tornei-me um leitor freqüente e, com o tempo, colecionador: hentai é mais um entre os gêneros de mangás, ilustrações isoladas, *artbooks* e animês que compõem minha coleção atual. É, no entanto, sem dúvida, o mais surpreendente.

É triste confessar que a maior parte dessa coleção é formada apenas por digitalizações dos mangás, tendo em vista a quase inexistência de hentai no Brasil e os custos e a dificuldade de importação, especialmente de originais japoneses. Por outro lado, algumas histórias e estilos mais obscuros têm pouquíssimas chances de sair do Japão, e sem a distribuição digital – que permanece em uma zona cinzenta das leis de direitos autorais internacionais – estariam condenados ao desconhecimento em alguma prateleira. Isso vale especialmente para ilustrações isoladas: montar um mangá ou álbum para publicá-las é muito mais dispendioso que exibi-las num site na Internet ou distribuí-las em *imageboards*.

Para realizar a pesquisa, pois, utilizei exatamente quinhentos e cinquenta títulos coletados ao longo dos anos, entre originais japoneses, traduções americanas, *scanlations* em diversas línguas e algumas edições brasileiras. Além disso, fiz uso de mais de quinze mil imagens, entre alguns, galerias inclusas em mangás, ilustrações isoladas e séries, e cinquenta e cinco jogos hentai de diversos estilos (alguns em inglês, muitos originais em japonês).

Acredito que essa amostra seja suficiente para extrair um panorama do mangá hentai. Tenho certeza de que o trabalho não alcança toda a extensão do gênero, mas arrisco dizer que cheguei perto.



Fig. 1-01: Cena do Chojugiga recriada por Masakazu Yoshizawa (2002).

História do hentai

O templo de Kozan, em Kyoto, guarda os quatro rolos de uma obra considerada um dos principais precursores do mangá moderno. Chamado *Chojugiga* (“Pergaminho dos animais que brincam”), este trabalho é composto por inúmeros desenhos dispostos de forma seqüencial com animais antropomorfizados (coelhos, raposas, sapos) representando diferentes classes sociais, numa crítica a sociedade da época (Fig. 1-01).

A autoria do *Chojugiga* é atribuída ao monge Kakuyu Toba (1053–1140). Historiadores atribuem a ele também a obra *Yobutsu Kurabe*, “Concurso Fálco”, “onde personagens do sexo masculino apareciam com os próprios membros erguidos ao extremo, valendo-se deles para demonstrar força física”. Pode não ser uma imagem de grande apelo erótico mas mostra que as raízes do mangá e do hentai estão bastante próximas uma da outra.

No século XVI, com o advento do *ukiyo-e*¹ no Japão, surgiu o *shunga*, estampas eróticas. Sobre seu conteúdo e uso, Franco de Rosa (org., 2005, p. 9) pinta um quadro surpreendente:

As cenas retratadas pelos *shunga* eram das mais variadas e mostravam sexo com animais, objetos, seres fantásticos e sobrenaturais. As posições incluíam sodomia, masturbação e sexo oral, tanto hétero quanto homossexual. (...) Eram consumidos com fins de excitação e entretenimento ou com propósitos educativos. (...) Também eram usados com uma função meramente decorativa e muitas vezes compunham o enxoval de jovens damas ou eram oferecidos de presente a noivos como votos de uma vida plena de prazer conjugal.

Feitas em massa, graças ao processo de impressão, tinham baixo custo de produção e boa aceitação do público. Apesar disso, eram vendidas a preços mais altos que outras gravuras, o que levava muitos artistas de *ukiyo-e* a produzir *shunga*. Katsushika Hokusai, maior expoente do *ukiyo-e*

¹ Gravuras feitas em madeira e impressas em grande quantidade.



Fig. 1-02: O Sonho da Mulher do Pescador, de Hokusai, c. 1820.

e autor da famosa série *Trinta e seis visões do Monte Fuji*, tem entre seus trabalhos mais conhecidos *O Sonho da Mulher do Pescador*, gravura onde uma mulher tem contato erótico com dois polvos (Fig. 1-02).

Durante a Restauração Meiji (1866–1869), os *shunga* foram proibidos e uma lei foi instaurada instituindo a censura de genitais e pêlos pubianos em qualquer tipo de publicação. Embora não seja seguida tão à risca como há alguns anos, a lei ainda hoje é mantida, o que explica a presença de mosaicos e tarjas pretas sobre os genitais em todos os trabalhos pornográficos feitos no Japão, inclusive mangás hentai (Fig. 1-03).

Atualmente, a maior parte dos mangás hentai são *doujinshi*², mangás publicados por seus próprios autores, sem vínculos com editoras. Os autores de *doujinshi* são, em sua maioria, amadores, mas artistas renomados também utilizam esse veículo como alternativa para publicar seus trabalhos fora do mercado editorial e escapar dos prazos impostos pelas editoras (Rosa, 2005, p. 60). Grupos de artistas de *doujinshi* são chamados *círculos* – o mais famoso sendo provavelmente o círculo *Saijudo Comic Publishing*, ironicamente formado apenas por Ishoku Dougen –, responsável por muitos títulos baseados em personagens famosos (especialmente da série de jogos *King of Fighters*) e também histórias com personagens originais.

Franco de Rosa (2005, p. 62) mais uma vez ilustra bem o ponto:

A área de fanzines tomou proporções tão impressionantes que um evento realizado duas vezes ao ano reúne em torno de trezentos mil fãs e mais de trinta mil artistas, que mostram suas obras ao público. Esse acontecimento se chama Comic Market (também exemplificado como Comiket). (...) De todos os fanzines publicados no Japão, cerca de 75% a 80% são hentai.

Fig. 1-03 Exemplo de censura de genitais. Normalmente as tarjas e mosaicos não são tão grandes.



² Termo derivado de *dojin*, que pode significar “grupo literário” ou o vulgo “panelinha”, e *shi*, que significa “revista” ou “distribuição” – um equivalente nacional seria o *fanzine*, mas muitos *doujinshi* têm qualidade de nível profissional. A palavra também é usada para romances publicados pelo próprio autor, jogos criados por fãs e música de bandas independentes. (Wikipedia)

Elementos comuns no hentai

Existem em mangás e ilustrações ecchi e hentai alguns elementos vistos com tanta frequência e em histórias de conteúdo tão díspar que podem praticamente ser considerados parte das fundações do quadrinho erótico e pornográfico japonês.

Alguns mangás tecem suas histórias exclusivamente sobre um ou alguns destes elementos. Normalmente, porém, eles são apenas mais um entre muitos elementos que compõem um hentai, quase passando despercebidos.

Menores de idade

A presença de jovens e mesmo crianças nos mangá hentai se deve a diversos fatores. Primeiro, não há em hentai restrição quanto à idade das personagens: de acordo com o livro *Hentai – A Sedução do Mangá* (Rosa, 2005, p. 70), o argumento utilizado pelos autores é que “as personagens que aparecem fazendo sexo nestas histórias não existem – portanto, não houve corrupção de menores”.

Pode parecer absurdo aos olhos ocidentais, mas há que se levar em conta que a sociedade japonesa não pauta seu comportamento pelo Cristianismo, como faz a maior parte do Ocidente. Ainda assim, há notada separação, por parte dos leitores, entre o universo do mangá e a realidade, como nota Sonia Luyten (2000, p. 223):

Vivenciando na fantasia o que não pode concretamente realizar na realidade, o leitor encontra no mangá um meio comportado de canalizar e extravasar suas emoções. (...) Cada sociedade oferece, à sua maneira, mecanismos de fuga para o povo: drogas, futebol e religião. No Japão, é o mangá.

Boyé De Mente (2001) afirma:

Tradicionalmente, as mulheres japonesas [sexualmente ativas] nem sempre deixam de agir como virgens. Muitas vezes vão mais longe e



Fig. 2-01: Uma nekomimi, garota com orelhas de gato.

agem de forma infantil, por saber que esse tipo de comportamento é sexualmente estimulante para muitos homens, em especial aqueles inseguros de sua virilidade. (...) Uma veterana no mundo dos cabarés japoneses me disse que ‘nada excita um homem tanto e tão rápido quanto uma jovem que age como uma criança e atua como profissional’.

É compreensível, portanto, que autores de hentai tenham certa preferência por personagens adolescentes. Não há restrição legal ou religiosa, o público entende a diferença entre o mangá e a realidade e há tradição de maior sensualidade (e mesmo sexualidade) na juventude.

Nekomimi

Literalmente, “orelhas de gato”, conhecidas no ocidente como *catgirls* (os raros casos masculinos são chamados *catboys*), as garotas com orelhas de gato – e muitas vezes outros traços, tanto físicos (olhos, rabo) ou de personalidade – são extremamente comuns em mangás e animês de toda sorte, não só suas variedades para adultos (Fig. 2-01). A presença das características felinas em uma personagem muitas vezes é tratada com total naturalidade por outros personagens e mesmo pelo já acostumado público.

Apesar de ser a variante mais conhecida, as *nekomimi* fazem parte de um grupo maior, chamado *kemonomimi* (“orelhas de animais”), que inclui personagens com orelhas e/ou outros traços de coelhos, raposas, cachorros, vacas e outras espécies.

Mesmo corriqueiro em diversos gêneros, vale ressaltar que existem trabalhos dedicados exclusivamente a *kemonomimi*, como o site *Sea Lounge Garden* – onde *maids*, explicadas a seguir, também marcam forte presença.

Não se deve confundir *kemonomimi* com *furry*: Pode-se teorizar que ambos têm sua origem já na Antigüidade, onde animais antropomorfizados representavam pessoas de diferentes classes (eg, o *Chojugiga*), mas as diferenças entre os dois gêneros, além do dis-



Fig. 2-02: Restrição física, dor e humilhação: algumas das muitas faces do BDSM apresentado em mangás hentai.

tanciamento dos “animais que brincam” da Antigüidade, impedem que os vejamos sob a mesma ótica.

BDSM

Bondage, Domination, Sadism, Masochism – em português, “Serviidão (ou Restrição³), Dominação, Sadismo e Masoquismo”. A sigla engloba uma grande variedade de padrões comportamentais e sexuais desviantes, normalmente considerados abusivos ou, no mínimo, desconfortáveis. Exemplos comuns são dor, servidão, humilhação e restrição física – provavelmente todos traduzidos nas páginas dos mangás hentai em maior ou menor grau, como parte de histórias de outros temas ou com histórias dedicadas a isso.

Dos desvios que fazem parte do conjunto BDSM, os mais comuns em mangás hentai são o duo dominação-servidão e a restrição física (Fig 2-02). O primeiro é caracterizado na maioria dos mangás onde há diferença hierárquica entre personagens envolvidas na relação (como professora e aluno, presidente de uma empresa e sua secretária – em raros casos a hierarquia se inverte); o segundo aparece de diversas formas: uma personagem forçada a assistir uma cena de sexo sem poder participar, ou amarrada, sendo estuprada e sentindo prazer com isso.

Alguns mangás hentai têm elementos BDSM como seu foco principal, geralmente fazendo uso de grande número deles. A esses mangás é dedicada uma seção específica mais à frente.

Uniformes

O fetiche por uniformes não é restrito ao imaginário japonês – pelo contrário, provavelmente foi absorvido do Ocidente. No entanto, não só

³ Há quem traduza a palavra para o anglicismo “bondagismo”, como visto no artigo “Fetiches” do site *GLS Planet* (<http://glsplanet.terra.com.br/news/fetiches.htm>).



Fig. 2-03: Colegiais: a falta de restrição a menores de idade faz com que sejam vistas com freqüência, embora nem sempre tão erotizadas.

no hentai mas em toda a indústria pornográfica japonesa, a presença de uniformes é muito mais acentuada que em sua versão ocidental.

Em entrevista publicada em abril de 2004 na revista norte-americana *Wired*, Peter Payne⁴ comenta a pornografia japonesa e joga alguma luz no fato:

[Pornografia japonesa] é bastante estilizada, e ainda é preciso lidar com o mosaico obrigatório⁵ – os produtores têm que pensar nisso ao fazer um filme para adultos. Em termos práticos, isso significa maior tempo de tela para o rosto e o resto do corpo. Alguns consumidores dizem preferir produções com o mosaico: assim o filme não é sobre genitais e sim sobre uma pessoa.

Considerando que o mosaico está presente em todas as mídias, inclusive hentai, poderíamos aceitar a explicação de Payne também neste caso: a proibição dos genitais teria levado os artistas a criar outras formas de expor a sensualidade ou mesmo sexualidade das personagens retratadas. Isso é apenas uma hipótese, no entanto: para confirmá-la ou negá-la seria necessário pesquisar a presença do fetiche na arte erótica e na pornografia japonesa ao longo de determinado período, o que foge ao alcance e à proposta deste trabalho.

Colegiais

A discussão sobre a presença de menores no mangá hentai já cobriu boa parte das razões para a existência de uniformes colegiais (Fig. 2-03) em suas páginas. Em todo caso, mesmo em mangás e animês não hentai, é raro ver menores em roupas casuais; afinal, dos seis aos dezoito anos, os japoneses passam em média oito horas por dia na escola, seis dias por semana.

⁴ Peter Payne é fundador da J-List, a maior loja de artigos japoneses na Internet americana (<http://www.jlist.com>).

⁵ Payne se refere à censura de genitais imposta pela lei japonesa. Enquanto em mangás hentai normalmente são usadas faixas pretas ou brancas, em pornografia com atores é usado um efeito de mosaico sobre as partes censuradas.



Fig. 2-04: Empregadas em uniformes cheios de rendas e bordados representam submissão.



Fig. 2-05: Um fetiche universal: enfermeiras.

Entretanto, é necessário notar que uniformes de colegiais não parecem ser um fetiche muito forte em hentai ou mesmo em ecchi. Talvez por ser tão comum ver menores em hentai, o uniforme colegial não apresenta a carga que carrega no Ocidente: ele não precisa estar lá para criar a imagem de juventude, pois esta já existe por natureza.

Empregadas

Chamadas de *meido* no Japão, do inglês *maid*, as empregadas, sempre jovens e em uniformes de estilo europeu (Fig. 2-04), rendados e com decotes improváveis, passeiam por muitos gêneros de hentai e ecchi. Sua característica mais marcante é a submissão, patente desde a linguagem extremamente polida que utilizam para falar com o “mestre” e outros personagens até seu papel no ato sexual: *maids* são as mais frequentes vítimas em histórias que envolvam BDSM.

Enfermeiras, policiais, uniformes militares

Uniformes de policial e enfermeira não estão relacionados a nenhum tipo específico de histórias; personagens vestindo estes uniformes podem aparecer tanto em cenas de sexo “comum” como em estupros (por humanos ou monstros), podem ser tanto dominantes como submissas numa cena BDSM.

Cabe ressaltar que enfermeiras (Fig. 2-05) são vistas com frequência muito maior que policiais, especialmente em ilustrações isoladas. Uniformes militares são muito mais raros do que se esperaria, estando praticamente limitados a *doujinshi* de personagens que já os vestem originalmente.

Brinquedos

Vibradores e consolos dos mais diversos tipos são vistos com frequência em hentai. A presença é muito marcante em histórias *yuri* (ho-



Fig. 2-06: Vibradores e outros brinquedos substituem genitais e não precisam de censura.

mossexual feminino), onde as participantes usam *strap-ons*⁶ e *double-end dildos*⁷, mas também é comum ver vibradores e consolos em cenas heterossexuais, como “preparação” antes do ato ou mesmo durante (dupla penetração).

Em cenas de masturbação feminina também é freqüente a aparição de vibradores (Fig. 2-06), tanto os de formato comum como tipo *bunny* (com massageador de clitóris). Vibradores tipo *egg* ou *bullet* (pequenos, geralmente ovais) têm lugar de destaque: muitas cenas mostram mulheres ou garotas usando um por baixo das roupas em tarefas do cotidiano.

Cenas de masturbação não estão limitadas a brinquedos sexuais, no entanto. Embora tais brinquedos pareçam estar sempre à mão quando necessários, há casos onde são usados legumes, frutas, material escolar e de escritório, pequenas estátuas, cabos de armas, garrafas – não há muita restrição.

Homens sem rosto

Embora mais comuns em ilustrações isoladas que em mangás, os “homens sem rosto” merecem uma menção. Aparecem principalmente em cenas onde vários homens fazem sexo com a mesma garota: como o foco do hentai é a garota, os homens têm seus rostos fora do enquadramento ou escondidos por uma sombra (Fig. 2-07a).

Entretanto, apesar de não ter rosto, muitas vezes seus corpos são representativos o suficiente, ora desenhados como jovens comuns, ora como rapazes musculosos, ora como senhores gordos e peludos (uma das únicas ocasiões onde personagens de mangá têm pêlos no corpo).

Fig. 2-07a: Muitos homens em hentai sofrem de uma estranha doença dermatológica que os deixa sem rosto.



6 Conhecido em *sex-shops* brasileiros como “pênis com cinta”, é usado por mulheres para simular a presença de um órgão masculino durante um ato homossexual.

7 Consolos longos em que ambos os lados podem ser usados ao mesmo tempo por mulheres diferentes.



Fig. 2-07b: Cenas de sexo envolvendo “antigos espíritos do mal”.

Por outro lado, em alguns casos os homens nem existem, sendo representados apenas por seus genitais. Associado à censura de genitais, isso resulta em cenas estranhas onde garotas fazem sexo com entidades etéreas transparentes ou brilhantes com um vago formato fállico (Fig. 2-07b).

Visão interna

Criando um contraste interessante aos homens sem rosto, em algumas cenas hentai envolvendo penetração o artista desenha o pênis ou objeto que está oculto no corpo da personagem, como se esta fosse transparente. Algumas vezes a imagem original não é alterada (a garota não se torna invisível): a visão interna é colocada em destaque, muito maior, ao lado da cena principal.

Além do objeto penetrante, aparece em alguns casos – especialmente quando em destaque fora da imagem original – a estrutura interna da personagem, sua cavidade vaginal, seu útero; alguns artistas incluem até mesmo a bexiga e parte dos intestinos, num corte vertical digno de livros de anatomia (Fig. 2-08).



Fig. 2-08: Não se pode acusar os desenhistas de hentai de não conhecer anatomia.

Futanari

Existe um tipo de mangás hentai que leva o nome de *futanari*, que tem suas características próprias e será discutido mais tarde. Antes de chegarmos lá, é necessário explicar o que é e como aparece.

Traduzida literalmente para “hermafrodita”, a palavra japonesa ganha em hentai um significado mais amplo: à exceção do uso de *strap-ons*, qualquer personagem feminina que apresenta genitália masculina, mesmo que temporária ou incompleta, é considerada *futanari*⁸.

Há vários níveis de hermafroditismo em hentai. Algumas personagens têm genitais femininos mas podem aumentar seu clitóris até o

⁸ Também chamadas de *dickgirl* ou *shemale*, este último mais usado para pornografia real envolvendo transexuais, sendo pouco comum em hentai.

Fig. 2-09a: Alice e as pilulas.



Fig. 2-09b: A população de hermafroditas em hentai é muito maior que no mundo real.

tamanho de um pênis, como Hubuki em *La Blue Girl*; outras ganham um pênis real (nem sempre de forma voluntária) através de magia ou outro artifício – como as garotas de *Alice in Sexland*, que usam pílulas para fazer o membro surgir ou desaparecer (Fig. 2-09a), ou do absurdo *Sei So Tsui Dan Sha*, onde meninas roubam o pênis de um colega de escola e “colam” em seus próprios corpos.

Além do hermafroditismo temporário, há muitas personagens com genitais femininos e masculinos permanentes; geralmente o masculino não é acompanhado de testículos e ocupa o lugar do clitóris (Fig. 2-09b), como em *Dickgirl Bride*, mas há alguns casos, como Kanomi, protagonista de diversas histórias da série *Hot Tails*, onde ambos os genitais são “completos” (vagina com clitóris e pênis com testículos).

Finalmente, existem personagens que apresentam apenas genitália masculina, mas têm características tão femininas que também levam o título de *futanari* – embora nesse caso o termo ultrapasse seu limite comum e possa ser substituído por *newhalf*, um dos nomes que se dá a transexuais da vida real. Ainda fazendo paralelo com a realidade, há tanto casos que podem ser considerados como transexuais pré-operatório – corpo feminino, cabelo com corte feminino e seios (caso da Profa. Watanabe, do terceiro volume da série *Countdown: Sex Bombs*) – como *crossdressers*⁹ andrógenos (Mika, do segundo volume da mesma série).

É importante não confundir *futanari*, especialmente *newhalf*, com *shotacon*, gênero focado em garotos muito jovens que costumam aparecer com roupas femininas: em *shotacon*, o foco principal é a pouca idade dos garotos, não o fato de estarem travestidos. Também vale ressaltar a diferença entre *newhalf* e *yaoi* (histórias envolvendo homossexuais masculinos): *newhalf* são personagens femininas.

⁹ Pode ser traduzido como “travestis”, mas não existe termo correto em português. *Crossdressers* são pessoas, por vezes heterossexuais, que gostam de se vestir com roupas do sexo oposto, com ou sem intenção de produzir prazer sexual.

Estupro

Sexo não consensual aparece de diversas formas em muitos tipos de mangá hentai. Além dos óbvios tentáculos e monstros, frequentemente garotas são estupradas por um ou mais homens sem rosto. Em algumas histórias as vítimas protestam mas acabam aceitando a situação (como Pfil na segunda edição de *Fairie Fetish*); em outras são abusadas até a satisfação de seus algozes sem sentir qualquer prazer.

Histórias BDSM não economizam em cenas de estupro: a personagem que recebe o tratamento sádico dificilmente o faz por sua vontade (a premissa de muitas histórias BDSM é justamente o estupro e tortura de uma personagem, sem grandes explicações). Em tais cenas, muitas vezes a personagem dominante é uma mulher, que faz uso de objetos para abusar da vítima. Personagens *futanari* são bastante comuns em cenas de estupro desse tipo, tanto no papel de vítima como de estuprador.

Um tipo pouco usual de estupro é visto com frequência em mangás hentai: o controle da mente, conseguido por magia, drogas ou trauma psicológico. A vítima de tal controle normalmente tem os olhos desenhados de forma “chapada”, vazia, sem íris e pupila. A extensão do controle varia, desde completa obediência ao “mestre” até a perda da razão – caso em que a personagem se torna um zumbi, praticamente incapaz de formular uma frase e buscando apenas o prazer sexual. *Bondage Fairies Extreme*, *Heaven or Hell Advanced* e *Rhythm* (Fig. 2-10) mostram o fato com clareza.



Fig. 2-10: Os olhos sem expressão indicam uma personagem sob controle mental.



Fig. 3-01: *Boku no Futatsu no Tsubasa*, hermafroditismo levado nem um pouco a sério.

Principais tipos de mangá hentai

Há tantos tipos diferentes de mangás hentai que pode-se imaginar existirem mais tipos de hentai que de outros mangás. Contabilizei vinte e um tipos, de acordo com os principais elementos encontrados em cada um. Em seguida, agrupei tipos similares em nove categorias. Os nomes dos tipos e categorias são em sua maior parte completamente arbitrários, dados por mim.

História em primeiro plano

Alguns mangás, embora considerados impróprios para menores, dão, em maior ou menor grau, mais ênfase à sua história que às cenas de sexo. Fica claro para o leitor que a pornografia é apenas um dos elementos do mangá, não seu tema principal; muitas vezes é possível até mesmo se perguntar por que o autor fez um trabalho hentai quando o roteiro era bom o suficiente e teria maior aceitação pelo público se não fosse para maiores.

Comédia erótica (*ero-comedy*)

Único tipo de hentai publicado pela JBC, maior editora de mangás no país, as *ero-comedy* têm suas histórias focadas em uma personagem e nas situações cômicas em que se envolve ou que ocorrem em seu redor. Em *Love Junkies*, da JBC, tais situações geralmente envolvem sexo, embora isso não seja regra (na edição vinte e cinco, três dos quatro capítulos se passam sem sequer uma cena passível de classificação “adulta”); em *Mouse*, da mesma JBC, a maior parte da ação se desenrola em torno dos roubos realizados pelo protagonista, tornando as eventuais cenas hentai secundárias. Algo similar se vê em *Boku no Futatsu no Tsubasa* (“Minhas Duas Asas”), de Toshiaki Yui, que segue o conturbado cotidiano e as descobertas da protagonista, a colegial Hiromu, e de sua linda prima Makoto, uma hermafrodita, enquanto tentam esconder a verdade sobre Makoto de seus colegas de escola (Fig 3-01).



Fig. 3-02: Em *Sepia*, o pai encontra na morte a solução para a vergonha da vida incestuosa.

É raro ver numa comédia erótica cenas de sexo muito ousadas: na maioria das vezes as histórias envolvem apenas um casal, geralmente bem comportado para o gênero – a abundância de posições diferentes e excesso de fluidos, comum em quase todo mangá hentai, não aparece em *ero-comedy*. Estupro é tratado como crime (e a vítima de fato sofre). Há sugestão de BDSM, mas não prática real; outros fetiches aparecem com frequência, dando às histórias uma característica mais ecchi que hentai.

Histórias sérias

São mangás com uma história ou várias histórias curtas, de conteúdo maduro, onde o sexo é parte da narrativa, não sua justificativa. Bons exemplos são as séries *Lust*, *Sepia* e parte de *Temptation*, publicadas nos EUA.

Algumas “histórias sérias” se desenvolvem em torno de um distúrbio psicológico do protagonista ou de personagens ao seu redor: Okura, de *Cages*, uma das histórias de *Lust*, constrói uma jaula para Mariko, sua esposa, cujo desejo sexual é mais forte que a própria razão; um protagonista sem nome numa das histórias de *Temptation* estupra de várias formas uma escrava sexual humana, criada em laboratório, que não enxerga, não fala, não sente dor – sempre comparando-a a sua própria mãe; na segunda história de *Sepia*, um jovem fotógrafo mantém relações com uma entidade que habita a casa que comprou: o fantasma de uma linda jovem, morta pelo pai incestuoso (Fig. 3-02).

Os exemplos desse tipo são numerosos, muitas vezes tratados por seus próprios autores como obras de outro gênero que incluem sexo – Senno Knife, autor de *Sepia*, diz se interessar mais pela história que leva ao sexo que pela cena de sexo em si¹⁰. Antes de serem pornografia, afinal, esses mangás são histórias – poderiam em muitos casos ter as cenas explícitas apresentadas de forma mais amena sem perdas significativas ao todo (menor impacto, sem dúvida, mas a essência continuaria presente).

¹⁰ Afirmação feita em entrevista concedida ao site *Sequential Tart* em fevereiro de 2003 (<http://www.sequentialtart.com/archive/feb03/knife.shtml>).



Fig. 3-03: Por que se preocupar em contar histórias se basta dizer que a protagonista é professora para cercá-la de garotos?

Os temas dos mangás desse tipo são bastante variados, muitas vezes entrando pelo campo da fantasia (além dos mencionados fantasmas, há demônios e espíritos folclóricos japoneses, criaturas futuristas, feiticeiros, vampiros) e explorando a psicologia das personagens (com temas como incesto, complexo de Édipo, exibicionismo e voyeurismo, dependência e distúrbios psicológicos).

Sexo “puro”, história em segundo plano

Essa categoria não nega seu propósito, tendo nas cenas de sexo seu foco principal. O pano de fundo, na maioria dos casos, ainda é desenvolvido o suficiente para chamar a atenção do leitor, mas todos os eventos parecem levar exclusivamente ao sexo. Não há os exageros comuns em outros tipos, como partes do corpo anormalmente grandes.

Comédia hentai (*H-comedy*)

Diferente das *ero-comedy*, a *H-comedy* não se preocupa muito em manter uma ambientação “limpa”: as cenas de sexo ganham ênfase, são mais longas e explícitas, e podem acontecer em lugares improváveis ou com mais de duas pessoas. A trama se desenvolve entre tais cenas, geralmente apenas para criar situações cômicas ou trazer à história mais personagens que participarão do sexo.

Professoras são protagonistas comuns em *H-comedy*, como no famoso *Secret Plot* e em sua seqüência, *Secret Plot Deep* (ambos lançados nos EUA) e em *Abunai Etsuko Sensei* (“Etsuko, Professora Perigosa”, inédito no Ocidente). Franco de Rosa (org., 2005, p. 118) cita como razão para isso uma atitude de desafio à autoridade. Arrisco-me a discordar: “professora seduzindo alunos” é simplesmente um cenário prático, conhecido pelo leitor de antemão; o mangá pode ir logo às cenas de sexo sem construir um universo ficcional (Fig. 3-03).

Em oposição a esse modelo básico, *Slut Girl*, também publicado nos EUA, traz a história de uma secretária forçada a deixar seu



Fig. 3-04a: Um estudante, um anjo e um demônio. Algum problema?

emprego e morar com um jovem rapaz que acaba de chegar do interior. Todo o primeiro volume do mangá é usado nessa introdução do cenário; em *Secret Plot* uma página é suficiente para explicar que as protagonistas são professoras bissexuais ninfomaníacas e não vêm problema em seduzir seus alunos.

A diferença principal, então, é o número de cenas de sexo que o autor sacrifica em prol do enredo e da tridimensionalidade das personagens; o objetivo e o resultado são os mesmos.

Fantasia

Saindo do cotidiano relativamente comum das comédias, temos mangás com elementos de fantasia em vários níveis e formatos – desde pequenos objetos inseridos num contexto contemporâneo até mundos utópicos e futuristas onde policiais robóticos patrulham os céus e aplicam multas de trânsito aéreo a ser pagas em orgasmos.

Demônios são invocados com frequência nos mangás hentai desse tipo – geralmente *succubus*, entretanto, como em *Hot Tails Extreme* e *Terrible Summoner* (história curta, parte de *Viper V-1*). *Heaven or Hell* vai além: o protagonista divide o apartamento com um demônio e um anjo – duas garotas, uma com chifres e rabo pontudo, a outra com auréola e asas (Fig. 3-04a).

A série *Hot Tails* original é, sem dúvida, o melhor exemplo desse tipo de hentai: muitas das histórias de seus onze volumes (na edição americana) têm elementos fantásticos. Kanomi, hermafrodita que protagoniza algumas dessas histórias, em certo momento percebe-se dominada por pensamentos libidinosos e atos sexuais, decidindo fazer greve de sexo; após certo tempo, seu pênis, revoltado, vocifera reclamações e resolve agir por conta própria, penetrando o órgão feminino da personagem (Fig. 3-04b). Em outra história, uma garota entra em uma loja de lingerie e se vê transportada para um futuro distante; a vendedora sugere que experimente um “modelo autônomo de alta sensibilidade” que detecta os níveis hor-

Fig. 3-04b: Ele fala com gírias e sotaque, além de tudo!





Fig. 3-05a: Cavalgando numa pantera, levando uma espada para matar um dragão. Isso é “capa e espada”.

monais da usuária e “cresce” de acordo. A mais surpreendente, no entanto, apresenta a protagonista presa até a cintura em um buraco que surge em sua casa: suas pernas “surgem” em outro buraco – o oco de uma árvore – e atraem a atenção de Papai Noel (!) e uma rena antropomorfizada, que decidem tirar proveito da estranha situação.

Este tipo de hentai é, sem dúvida, o mais versátil em suas excêntricas, contendo humor leve e cenas explícitas, mas sempre surpreendendo o leitor de alguma forma.

Capa e espada

No Ocidente, dá-se o nome de “capa e espada” a histórias passadas num cenário aparentemente medieval, com castelos, reis, princesas, cavaleiros; não raro o gênero se mescla à fantasia, incluindo bruxas, dragões e outras criaturas, ou emprestando raças fictícias como elfos e anões. O hentai faz uso da mesma fórmula, como mostra a história *The Wizard of Dawn*, dos volumes sete e oito da versão americana do abrangente *Hot Tails*.

O passado japonês também é representado, naturalmente, desde seu período feudal até o revolucionário século XIX: *Midnight Panther* acompanha três assassinas em seus trabalhos e aventuras pelo Japão numa época não especificada, misturando elementos reais (dentro e fora de contexto adequado, demonstra um castelo de arquitetura europeia) e fantásticos – uma das garotas se transforma em pantera, outra é especialista em matar dragões (Fig. 3-05a); *Femme Kabuki*, que não traz criaturas fantásticas, mantém-se um pouco mais fiel à história real, seguindo um grupo teatral feminino em apresentações pelo Japão logo após a participação de mulheres no teatro ser proibida¹¹.

¹¹ Diz texto extraído do próprio mangá: “Muitas atrizes eram também prostitutas, o que levava um número muito grande de homens ao teatro para vê-las. Muitas vezes tumultos começavam na audiência durante as peças, e os problemas foram associados a essa forma de arte. Isso levou os governantes a proibir a participação de mulheres no teatro.”



Fig. 3-05b: Felizmente Pink era de nível 3 e tinha mais que 35 pontos de vida.

Parodiando o próprio gênero, *Dragon Pink* é feito à imagem dos RPGs, onde o “capa e espada” é usado à exaustão. Neste mangá, um grupo típico desses jogos – espadachim, bárbaro, feiticeira e uma *neko-mimi* – viaja entre cidades e castelos em busca de missões para ganhar dinheiro e “pontos de experiência”, sempre se preocupando em manter altos seus “pontos de vida”¹² (Fig 3-05b).

Crianças

Indo muito além de simples “menores de idade”, alguns mangás hentai incluem desde personagens (de ambos os sexos) mostrando os primeiros traços de puberdade até, em casos extremos, algumas que provavelmente ainda não sabem andar.

O Japão tem leis contra produção e distribuição de material pornográfico envolvendo crianças desde 1999, mas essa lei não se aplica aos mangás. Os mesmos argumentos sobre a presença de menores de idade são usados a favor dos mangá *lolicon*: não são crianças reais.

Lolicon

Junção da expressão em inglês *lolita complex*, usada no Japão para designar pessoas que sentem atração por garotas muito jovens (“Lolita” usado em referência ao livro de Vladimir Nabokov). Em hentai, no Ocidente, o termo se refere a mangás com personagens que ainda não chegaram à maturidade sexual, comumente chamadas de *loli*.

Mangás *lolicon* são, obviamente, focados em cenas de sexo envolvendo garotas muito jovens. Na maioria dos casos, por incrível que pareça, seus parceiros são garotos da mesma faixa etária. O conhecimento das personagens sobre sexo varia muito: em algumas histórias, praticam o ato quase por acaso, ao descobrir a diferença entre seus genitais e de

¹² A maioria dos RPG contabiliza a saúde de seus personagens em *health points*, mais conhecidos como *HP*. Ao sofrer danos, personagens perdem HP, podendo ficar inconscientes ou morrer se o número cair a zero.



Fig. 3-06a: Lolicon em massa: toda a classe aprendendo sobre sexo.

crianças de outro sexo; em *Students for the Future Children*, um vírus torna estereis pessoas que começam a vida sexual depois de passar pela puberdade: a solução é ministrar aulas práticas de sexo nas escolas (Fig. 3-06a), apesar de protestos dos pais e embaraço de alunos e professores. Outras vezes o fazem por influência de outra criança – como em *Futari wa Tomodachi*, onde o garoto Eida convence sua inocente amiga Sanae a lhe mostrar sua calcinha, depois a lhe deixar tocá-la, eventualmente chegando ao sexo. Não faltam casos, no entanto, onde a inocência infantil é completamente posta de lado: em *Boys' and Girls' Summer*, um casal de irmãos, a pretexto de nadar em um lago, rapidamente leva um garoto a compartilhar uma sessão de sexo a três.

Certamente existem também, embora menos comuns, mangás onde garotas fazem sexo com homens mais velhos. Nesse caso também nem sempre a inocência se faz presente: a história de abertura do volume 27 de *Comic LO* começa com uma garota praticamente abusando de seu professor, que está com as mãos amarradas. Algumas páginas a seguir, no entanto, em *Batoda! Onii-chan point!*, o irmão mais velho usa brinquedos sexuais amedrontadores (Fig. 3-06b) em sua irmã, não parecendo se importar muito com seus gritos e lágrimas. *119 or 110* é bem particular: quando a própria revista *Comic LO* é encontrada no quarto do irmão mais velho, a irmã do meio, Miyu, diz à mais nova, Yuna, que ele está doente e precisa ser curado – o que envolve as duas vestidas de enfermeira aplicando diversas formas de “tratamento” no irmão.



Fig. 3-06b: Preferi não mostrar, mas acredite, ele usa tudo aquilo nela. Hentai lolicon pode ser muito cruel.

Shotacon

Shotacon é a variação masculina do *lolicon*. Vem de *Shotaro complex* – Shotaro é o nome do jovem herói do animê *Gigantor* (originalmente *Tetsujin 28-go*), um gracioso garotinho capaz de fazer qualquer coisa que um adulto possa fazer. O gênero é também chamado simplesmente de *shota*.

Diferente de *lolicon*, os mangás *shotacon* focam apenas em garotos, tanto em idade pré-pubescente como um pouco mais velhos, porém efe-



Fig. 3-07a: Shotacon: garotos muito jovens e delicados, geralmente usando roupas femininas.



Fig. 3-07b: “Everyone is gay for Bridget”, diz um provérbio das imageboards.

minados, fazendo sexo entre si, com outros garotos (dominantes e/ou mais velhos) ou com mulheres. Além disso, é muito freqüente que os garotos estejam travestidos: *Pink Sniper Maniax* coloca uma “enfermeira” sob o controle de uma médica pervertida, *Stop! Master* tem diversas “empregadas” servindo seus mestres (Fig. 3-07a).

Bridget, personagem da série de jogos de luta *Guilty Gear*, é o exemplo mais conhecido de personagem *shota*: ele é um garoto criado como garota e veste um peculiar hábito de freira (Fig. 3-07b). Bridget é retratado em diversos mangás hentai – algumas vezes até mesmo com órgãos femininos.

Em muitos casos, personagens *shota* são também *furry*, ou ao menos têm características animais mais fortes que um *kemonomimi*. Não conheço nem imagino qualquer explicação para a congruência, mas noto que algo similar acontece também no Ocidente: a maioria dos personagens *furry* ocidentais freqüentemente aparecem em cenas homossexuais.

Homossexualismo

Sexualidade em hentai não é um assunto muito problemático. A abundância de garotas e o fato de a maior parte do hentai ser direcionada para o público masculino levam praticamente todas as personagens femininas a serem bissexuais. À exceção dos tipos com alguma ênfase no roteiro, como *ero-comedy* e as histórias sérias, homens são raramente retratados como algo além de seus órgãos sexuais; no caso de *shotacon*, os garotos são bastante feminizados e os rapazes mais velhos servem como seus parceiros. É interessante, então, que haja uma categoria de hentai especificamente sobre homossexualismo quando a distinção quase não existe para a maior parte das personagens de hentai: mais da metade das personagens com algum traço de desenvolvimento de personalidade é bi ou homossexual.



Fig. 3-08: *Super Fist Ayumi*: duas garotas (nenhuma hermafrodita), nenhum brinquedo.

A categoria existe, no entanto, e engloba mangás onde a sexualidade das personagens é o tema principal, não algo variável ou nulo que se adapta ao contexto da história.

Yuri

Yuri, a palavra japonesa para “lírio”, geralmente designa a relação homossexual entre mulheres. Decerto, muitos mangás hentai mostram cenas de lesbianismo em diversos contextos; *yuri*, no entanto, é específico em seu foco em um casal ou nas aventuras de uma garota, fazendo uso de poucos ou nenhum elemento fantástico (mesmo *futanari* é uma ausência notável) e dando algum espaço para a relação sentimental entre as garotas. As cenas explícitas dificilmente vão além de masturbação mútua (às vezes com brinquedos), sexo oral e contato entre genitais.

Como na pornografia real, a maioria das garotas em hentai são bissexuais. É o caso das amigas Non e Melon, de *Vanity Angel*: Melon é apaixonada por seu professor, mas mal consegue manter a consciência quando ele se aproxima; com Non, por outro lado, tem vida sexual bastante ativa. É deixado claro que a relação entre as duas é apenas uma forte amizade e atração física: Melon só ama de forma romântica o professor.

A fórmula é similar à usada na maior parte dos mangás hentai com personagens de séries conhecidas, sendo bastante aparente em alguns doujinshi de *Dirty Pair*: a pouca sorte com homens acaba levando as duas agentes a cenas de lesbianismo – geralmente envolvendo brinquedos muitos inventivos, à semelhança das armas que usam ao caçar bandidos. As próprias séries originais dão margem para que o leitor interprete as personagens como parceiras sexuais.

Puramente homossexual é o mangá *Super Fist Ayumi* (Fig. 3-08): estudante de uma escola só para garotas e lutadora de caratê, Ayumi se vê recebendo cartas de amor e propostas sexuais de outras alunas após



Fig. 3-09a: “Você é um modelo?”, pergunta a garota ao protagonista do mangá yaoi.



Fig. 3-09b: Bara quer dizer “rosa” (a flor) em japonês. É, também não entendo.

ganhar o campeonato nacional do esporte. Mesmo sendo curta e dando ênfase à comédia, a história se mantém nos padrões *yuri*: há apenas uma cena de duas páginas envolvendo um objeto e as emoções das parceiras de Ayumi sempre são colocadas em primeiro plano (mesmo que ela não as entenda muito bem).

Yaoi

Homossexualismo masculino. Hentai *yaoi* é considerado algo à parte dos outros tipos de hentai por seguir as definições dos mangás *yaoi* não-explícitos muito mais de perto que as convenções do hentai comum. Em outras palavras, hentai *yaoi* não é “hentai só com homens” mas sim “*yaoi* com cenas explícitas”. Outra diferença importante: hentai *yaoi* costuma ser direcionado ao público feminino, enquanto praticamente todo o resto é voltado ao masculino.

Tradicionalmente, o desenho de *yaoi* hentai voltado às mulheres é similar ao visto em mangás *shoujo* (“para mulheres”); os garotos são muito bonitos, com traços suaves, quase femininos. Não há exageros; pelo contrário, as características físicas são bastante idealizadas – *Mata Natsu ga Kita* brinca com isso: os protagonistas são assediados como modelos. As cenas explícitas dificilmente envolvem mais de dois participantes; quando há mais que dois, a própria história segue um padrão diferente – dois rapazes estuprando um terceiro, por exemplo. Há mangás *yaoi* hentai que não se mantêm sob o paradigma de traço e narrativa dos mangás *shoujo* (Fig. 3-09a), mas são em menor número.

É necessário notar, porém, que existe uma parcela de hentai *yaoi* que tem como público-alvo homens homossexuais. Chamado *bara*, este tipo de mangá é bem diferente do comum, também não se pautando pelas regras do *shoujo*. Os homens retratados costumam ser grandes, musculosos, geralmente com muitos pêlos por todo o corpo (Fig. 3-09b). A revista *Kinniku Otoko* é uma conhecida antologia de mangás *bara*.

Criaturas

Monstros, demônios e tentáculos formam o clichê de hentai mais conhecido no Ocidente – um fato injusto, pois leva à crença de que todo mangá hentai envolve tentáculos e estupros sobrenaturais. Sempre tive a impressão, entretanto, que o tema é muito mais raro em mangás do que *futanari* ou BDSM; em animês das décadas de 1980 e 90, por outro lado, parece-me ser mais comum.

Este tipo, por incrível que pareça, não se restringe a criaturas abomináveis estuprando colegiais. Variantes femininas existem, embora relativamente raras, e são até mesmo mais versáteis que os monstros originais.

Incluí aqui, ainda, hentai de temática *furry*. Não tem relação direta com tentáculos e afins mas são criaturas não-humanas.

Tentáculos e monstros

Este tipo dispensa grandes apresentações, sendo o mais conhecido, como dito na abertura do capítulo. O pioneiro no uso do artifício foi Toshio Maeda em *Urotsukidoji*, mangá do começo da década de 1980 transformado em uma série de animês entre 87 e 96. O uso de tentáculos é explicado¹³ pelo próprio Toshio Maeda:

Na época, era ilegal fazer cenas sensuais. Eu devia evitar esse tipo de cena, então botei uma criatura. Eu poderia dizer, como desculpa, que o tentáculo não é um pênis, é só uma parte da criatura. A criatura não tem sexo, é só uma criatura. Então não é obsceno e não é ilegal.

A fórmula permanece em uso até hoje, tanto para evitar a censura quanto para alimentar o mercado que se criou ao seu redor. O tema se espalhou de tal maneira que criou um contra-senso impensável: mangá *yaoi* hentai envolvendo tentáculos. Um achado muito raro, no entanto, sendo muito mais freqüente o uso do artifício em mangás envolvendo

¹³ Em entrevista sem data ao site *Sake-Drenched Postcards* (<http://www.bigempire.com/sake/manga1.html>).



Fig. 3-10: “O tentáculo não é um pênis, é só uma parte da criatura.”

apenas garotas, como *Kabe no Naka no Tenshi*. Neste título, os monstros são parasitas que se instalam nos corpos das vítimas e mantêm visível apenas uma parte de si, saindo de um lugar muito sugestivo (Fig. 3-10). É irônico que alusões tão óbvias sejam imunes à censura.

Monstergirl

Versão feminina dos monstros e tentáculos, bem menos conhecida que a idéia original. É muito difícil encontrar mangás sobre o tema, sendo mais comum ver as garotas-monstro em ilustrações isoladas.

A principal diferença entre *monstergirls* e os monstros convencionais é a variedade de tipos. Existem *monstergirls* baseadas em insetos, aranhas e outros tantos animais viscosos e cheios de pernas, como bem demonstrado em *Kokoko-chan* (Fig. 3-11). Há também animais mitológicos, como harpias e nagas (metade mulher, metade cobra), e outras misturas pouco convencionais.

Finalmente, temos as *goo girls*, “garotas de meleca”, entidades líquidas com formas femininas. Talvez a mais comum das *monstergirls*, embora pouco reconhecida, não encontra espaço em muitos mangás. *Purple Bonus*, único exemplo que pude encontrar, é na verdade uma coleção de páginas sequenciais distribuídas pela Internet, porém jamais impressa.



Fig. 3-11: Nem mesmo em *Bondage Fairies* se vê um tatu-bola antropomorfizado fazendo sexo com uma aranha.

Furry

Tipo de hentai onde todas ou quase todas as personagens são animais antropomorfizados, geralmente mamíferos – gatos, cachorros, raposas, ursos. É infinitamente mais comum no Ocidente que no Japão, além de ter uma complexidade maior deste lado do globo. Felizmente, o trabalho é sobre o outro lado.

Furries, no plural, estão muito mais próximos de animais do que os *kemonomimi*. Geralmente têm pêlos por todo o corpo, às vezes têm focinhos, agem de forma um pouco mais animalésca – a “professora-



Fig. 3-12a: “O porco-espinho mais rápido do mundo” é um dos alvos favoritos de autores de hentai furry japoneses (os ocidentais preferem personagens originais).



Fig. 3-12b: Furrries possuem características tanto humanos quanto de animais. O cachorro de roupas pesca com vara, a gata nua pesca com as patas.

cadela” Srta. Hudson, apresentada em *Luck of the Draw*, não hesita em apanhar ossos que lhe são atirados.

É bastante comum encontrar mangás furry com personagens consagrados. Um bom exemplo é *Furry Bomb*, sobre a turma do porco-espinho Sonic, personagem de diversos jogos de videogame (Fig. 3-12a).

O enredo não costuma ter a menor importância em histórias *furry*: toda a atenção é voltada às cenas de sexo, sejam entre antropomorfos ou envolvendo humanos. Praticamente qualquer cenário é válido, visto que *furrries* por si só já invalidam a verossimilhança da história: pode-se encontrar mangás hentai *furry* passados em ambientes urbanos e rurais (até mesmo com antropomorfos criando animais – ou outros *furrries*!), cenários contemporâneos ou tipo “capa e espada”: a única regra num hentai *furry* é a presença dos antropomorfos (Fig. 3-12b).

Anormalidade física

Não raro, mangás hentai têm como elemento principal condições físicas anormais, muitas vezes beirando o absurdo – as menos espalhafatosas sendo, provavelmente, as garotas com diversos pares de seios. Sem muito compromisso com a realidade, estes mangás raramente tentam ter um roteiro – alguns são de fato apenas coletâneas de imagens. Por isso é comum encontrar estes tipos em imagens isoladas no fim de outros mangás mais abrangentes, em coletâneas de histórias com esse foco ou em sites especializados.

“Gordinhas” (BBW)

O fetiche por mulheres acima do peso existe além das páginas desenhadas, sendo comumente chamado de “BBW” (“*Big Beautiful Women*”, ou “Mulheres grandes lindas”). A sigla também é usada em hentai, onde as BBW podem ser desde mulheres um pouco fora do padrão esguio até verdadeiras massas amorfas.



Fig. 3-13: É uma pena que muitos artistas de hentai BBW prefiram formas grotescas e inumanas à simpática protagonista de *Kozarumura Yorozu-ya Nisshi*.



Fig. 3-14a: O exagero em apenas algumas partes dá um aspecto muito conflitante a determinados mangás BB.

As diversas protagonistas da coletânea *Yawarakaino* são desenhadas de forma bastante graciosa; a garota de *Kozarumura Yorozu-ya Nisshi* (Fig. 3-13), da coletânea *Hi Kan Musume*, é quase um personagem SD¹⁴; a mesma coletânea traz também garotas em ilustrações e outras histórias com formas quase grotescas.

Imagens de personagens famosas desenhadas como BBW são também bastante comuns: Rei Ayanami, de *Shin Seiki Evangelion*, é a mais conhecida vítima do ganho de peso, tendo seqüências inteiras dedicadas à sua versão BBW – conhecida carinhosamente por *Fat Rei* (“Rei Gorda”).

Partes do corpo exageradas (BB)

Ignorando as proporções naturais e até mesmo as leis da física, alguns mangás trazem personagens com algumas partes do corpo extremamente agigantadas, geralmente dando a clara impressão que uma pessoa com tais atributos jamais se sustentaria em pé. O tipo é conhecido pela sigla BB, que provavelmente significa *big body* ou *big breasts* (“corpo grande” e “seios grandes”, respectivamente – uma sigla que não compreende todo o espectro do tipo).

Naturalmente, a parte mais comum à qual se dão dimensões inumanas são os seios – algumas vezes os mamilos são proporcionais, outras vezes são muito alongados, a exemplo de *Bosei Bonnou* (Fig. 3-14a); em alguns casos as nádegas e coxas seguem o estilo exagerado dos seios, como visto em *Momoiro Clinic*.

O exagero pode ultrapassar as partes consideradas sensuais e alcançar praticamente o corpo todo. A série *Queen of Hardest* dá a garotas de diversos jogos de luta pernas e braços enormes, cavidade vaginal com aspecto de caverna, clitóris, lábia e até mesmo ânus muito maiores do que o natural.

14 Super-deformed: personagens desenhadas de forma muito estilizada, exagerada, com corpos pequenos e cabeças grandes.



Fig. 3-14b: Ele provavelmente desmaiaria por falta de sangue no cérebro no quadro seguinte se mangás BB fossem minimamente realistas.



Fig. 3-15: “Exagerado, jogado aos seus pés eu sou mesmo exagerado.”



Fig. 3-16: Personagens gigantes da coleção *Kemo's Works*.

Embora muito raro, é possível encontrar também imagens de homens com partes exageradas, principalmente o órgão sexual (Fig. 3-14b).

***Futanari* exageradas**

A presença de personagens hermafroditas não é um fato extraordinário em hentai, podendo ser observada em diversos tipos. Há, no entanto, um tipo específico onde todas ou quase todas as personagens são hermafroditas e têm órgãos masculinos muito exagerados (Fig. 3-15). *Dickgirl Bride* mostra com clareza a ausência de roteiro em tais mangás: a história é uma confusa desculpa para colocar a protagonista em posições humilhantes, fazê-la se masturbar de formas impossíveis e ser praticamente estuprada por outras *futanari*, das quais é escrava sexual.

Como personagens do tipo “BB”, essas *futanari* podem ter outras partes do corpo agigantadas, além do órgão masculino. Geralmente isso se resume aos seios.

O padrão da categoria se repete aqui: galerias no final de outros mangás, coletâneas de histórias com esse tema e sites especializados (como o *Serious Graphics*).

Gigantes

Garotas da altura de arranha-céus são o tema deste tipo em que imagens soltas são muito mais comuns que histórias – o trabalho mais famoso na área é uma interminável coleção de imagens e rascunhos de um artista chamado Kemo (daí a coletânea se chamar *Kemo's Works*).

As garotas gigantes são normalmente retratadas em centros urbanos, derrubando prédios descuidadamente. Quando sozinhas, costumam se masturbar com trens, ônibus, carros comuns, antenas e até mesmo com pessoas (!). Em dupla ou grupo, são mostradas se beijando, fazendo sexo oral e masturbando-se mutuamente com os “objetos” mencionados (Fig. 3-16).

Desvio social/psicológico

Muitos fetiches da vida real derivam de desvios psicológicos – até mesmo de patologias, em alguns casos. Normalmente condenados em diferentes graus pela sociedade, esses desvios atraem a atenção de muitas pessoas exatamente por sua proibição. Não espanta, então, que apareçam como temas de histórias hentai; espanta, por outro lado, as doses incrivelmente variáveis em que aparecem, assim como o tratamento que recebem em alguns títulos.

Incesto

A fascinação por relações proibidas entre membros da mesma família encontra lugar cativo entre os mangás hentai. O incesto aparece em diversos níveis: entre irmãos adotivos, pais adotivos e enteado, irmãos consangüíneos, mãe e filho. Os casos entre pai e filha são mais raros, geralmente estando associados a outro tema, como na já mencionada história *The Woman in the Photo Studio*, do primeiro volume de *Sepia*, onde o protagonista encontra o fantasma de uma garota morta por seu pai, com quem mantinha relações.

Lonely Night Bird, do primeiro volume de *Countdown: Sex Bombs*, conta a história de Sana, narrada por seu irmão adotivo Suo. Sana mantém uma relação com o pai, nas raras visitas que ele faz ao lar (Fig. 3-17a); Suo é forçado a participar do ato, sendo molestado por ambos. Muito interessante notar a brusca mudança de Sana quando o pai a deixa no fim do dia para ficar fora mais um mês: sua tristeza revela que o sexo é a única ligação que tem com o pai.

As relações entre irmãos consangüíneos são muitas vezes tratadas com indiferença em mangás hentai. *Ane to Megane to Miruku* (“Irmãs, óculos e leite”; “leite” usado como metáfora para “esperma”) demonstra bem o fato na história *Listen a while*: “Três vezes, na minha cama, depois ele dormiu ali mesmo. E você, já fez algo além de sexo oral com seu



Fig. 3-17a: Sana, de *Lonely Night Bird*, e sua relação provavelmente patológica com o pai.



Fig. 3-17b: As batalhas entre instinto e razão dão charme ao pífio *Super Taboo*.

irmão?”, conversam duas colegas na sala de aula. Enquanto em *lolicon* existe a possibilidade de um casal de irmãos descobrir o sexo juntos por acaso, mangás sobre incesto dão a impressão que um dos irmãos domina o outro, começando assim uma relação, ou que ambos estão de acordo desde o princípio.

Quando a relação é entre mãe e filho, a história costuma seguir um caminho um pouco diferente: um sente atração pelo outro mas não ousa confessar, algo acontece para que o segredo seja descoberto, o outro não vê problema na atração do primeiro e prontamente a corresponde, normalmente tomando as rédeas da situação.

Talvez por sua pitada de comédia, *Super Taboo* tenha sido publicado nos EUA. Nesta série, o garoto Yuu mantém relações tanto com sua irmã mais nova quanto com sua mãe. Antes de cada cena, uma simpática metáfora gráfica mostra seu “instinto” vencendo sua “razão” – na primeira cena, o instinto é um torpedo que afunda o navio da razão (Fig. 3-17b). Muito provavelmente, Yuu e sua irmã Eri eram mais jovens no original; na versão americana, ela tem providenciais dezoito anos e ele “acaba de entrar na universidade”, apesar de absolutamente não aparentarem. Toda a história de fundo, que costuma ter alguma importância nos casos onde filhos têm relações com a mãe, é contada em poucas páginas – e, ironicamente, só explica o começo da relação entre os irmãos, não diz nada sobre a mãe.

Apesar de ser um tabu tão grande e despertar tanto interesse, o incesto é tratado de forma por demais trivial em hentai. A falta de realismo nesse caso leva à perda de grande parte do impacto no leitor – tirando o traço similar e o modo como se tratam, nada indica que as personagens são de fato parentes. A relação entre os irmãos Setsuna e Sara, do mangá não hentai *Angel Sanctuary*, desperta muito mais interesse que qualquer incesto hentai, justamente por ser tratada com seriedade, como algo de fato proibido.



Fig. 3-18a: A série *Bondage Fairies* original traz o lado mais conhecido do BDSM, com máscaras de couro, cintos de castidade e tortura.

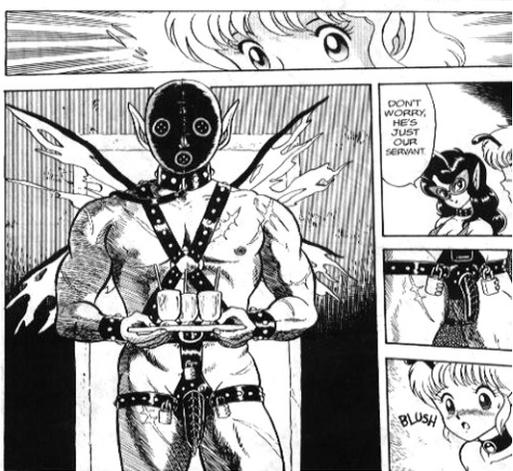


Fig. 3-18b: Em *Bondage Fairies Extreme*, a tortura psicológica é mais intensa que a física.

BDSM

Muitos mangás usam elementos BDSM em suas histórias, independente do tipo. Alguns fazem desses elementos seu foco principal, adicionando ao rol dos desvios muitos que raramente aparecem em outros mangás. As séries *Bondage Fairies* original e *Extreme* sem dúvida representam o ponto máximo do uso de elementos BDSM em mangás hentai.

Originalmente chamada *Insect Hunter*, a primeira série ganhou no Ocidente o nome *Bondage Fairies* certamente por conta de seus muitos elementos BDSM. Neste mangá, as irmãs Oliga, Ilina e Marcia¹⁵ mantêm e maltratam constantemente um escravo em roupas de couro e cinto de castidade (Fig. 3-18a), além de diversos animais e, eventualmente, as protagonistas Pfil e Pamila; em determinado ponto, Marcia amputa uma de suas próprias mãos. Mais exemplos de BDSM são encontrados nas outras séries: *Bondage Fairies Extreme* (Fig. 3-18b) dispõe em seu arsenal de restrição de movimentos, contenção de orgasmo, humilhação, abuso psicológico, tortura; *New Bondage Fairies* e *Fairie Fetish*, as séries intermediárias, são formadas por histórias curtas, entre as quais apenas algumas têm influência BDSM.

Outro mangá hentai que inclui uma grande quantidade do tema é *Haitoku – Immorality*. A relação entre a protagonista, Professora Shiyoko Ohtsuki, e a aluna Izumi Tachibana (*futanari*) envolve tortura física e psicológica, restrição física, restrição de orgasmo e humilhação, entre uma porção de outros fetiches.

September Kiss, dos volumes cinco e seis de *Silky Whip*, merece menção pela inversão de papéis que se constata: a protagonista Megumi passa grande parte da história sendo “punida” ou amarrada a diversos apetrechos tipicamente usados em sessões BDSM, claramente caracterizando sua posição submissa ao grupo de três irmãos com quem vive;

¹⁵ Os nomes são muito similares a Olga, Masha e Irina, personagens da peça “As Três Irmãs”, de Anton Tchekov. A relação direta provavelmente foi perdida em algum ponto da tradução.



Fig. 3-18c: A relação entre Megumi e os três irmãos tem um forte traço BDSM, mas o mangá não se leva muito a sério.



Fig. 3-19: A série *Ken-Jyu* segue o mesmo padrão em todos os seus volumes: lobos estupram garota que eventualmente consente com o ato.

eventualmente é revelada a dependência emocional dos irmãos em relação a Megumi, o que coloca a garota como parte dominante. Um desfecho não só previsível como anunciado, mas a variação mostra com muita simpatia que a relação (Fig. 3-18c) entre personagens dominantes e submissas não se define apenas fisicamente. Talvez essa seja a principal diferença entre um mangá hentai BDSM e outro que apenas tem elementos relacionados à sigla.

Zoofilia (bestialidade)

A pouca divulgação no Ocidente pode levar a crer que existem poucos mangás envolvendo zoofilia, mas seu número parece ser maior que o de mangás com monstros e tentáculos. Os animais vistos com mais frequência são cachorros; gatos são raros, apesar da abundância de *nekomimi* em todos os tipos de mangás, hentai ou não. Animais de maior porte também aparecem: cavalos em especial, mas também leões e outros felinos; vez ou outra é visto um macaco ou outro primata, ursos, cobras. Entrando mais pelo campo da fantasia, nota-se a presença de animais “gigantes”: por exemplo, sapos do tamanho de humanos.

Não raro, o roteiro desses mangás é pouco mais que uma desculpa para o sexo com animais. É o caso da história *Good Morning: Elena*, personagem africana do jogo *Street Fighter Alpha*, saúda um belo dia de sol fazendo sexo com um leão. Aos outros animais que observam (macaco, tigre, zebra, girafa, rinoceronte e elefante!) promete que “tem para todos”.

Good Morning representa a maioria das histórias de zoofilia, onde o sexo com animais acontece por vontade da garota. Na outra ponta do espectro está a série *Ken-Jyu* (Fig. 3-19), onde personagens famosas são estupradas por grandes lobos de feições monstruosas – depois de algumas páginas passam a sentir prazer com isso, porém.

Bondage Fairies aparece aqui novamente. As fadas, por seu tamanho reduzido, têm à disposição toda sorte de animais pequenos, nor-



Fig. 3-20a: De óculos, além de tudo.

malmente impensáveis até mesmo em hentai. Ao longo das quatro séries há cenas envolvendo várias espécies de besouros, lesmas, toupeiras, lagartos, ratos, pássaros, sapos, joaninhas – até um pernilongo. O autor vai além: em determinada história, retrata a si mesmo numa cena envolvendo uma cigarra antropomorfizada.

Silky Whip também volta à cena com a história *Blue*, dos volumes três e quatro. A protagonista Madoka, forçada a se tornar escrava sexual de um agiota a quem seu pai devia muito dinheiro, prefere dar sua virgindade a seu cachorro Blue, seu “melhor e talvez único amigo”.

WTF

Quando se acha que os autores de mangá hentai não podem mais surpreender seus leitores, eles se voltam a uma direção completamente inesperada e conseguem fazê-lo. O resultado é um tipo de hentai conhecido informalmente na Internet pela sigla WTF, da expressão em inglês “*what the fuck?*”. Acredito que não seja necessário traduzi-la.

Hentai tipo WTF tem como características principais o ineditismo e o absurdo. Transforma em pornografia ou dá aspecto erótico a coisas quase impossíveis de se imaginar nesse contexto, ou adiciona ao hentai já existente algo completamente inesperado.

O yaoi *Chintsubu* ganhou fama por sua premissa hilária, que a autora afirma ter surgido enquanto conversava com sua agente sobre “temas de banheiro” para se manter acordada. Não duvido. Quando um ônibus escolar cheio de garotos bate em um templo dedicado ao “Deus Pênis”, um deles entra em coma; seu espírito, relutante em deixar a Terra sem ter declarado seu amor ao colega de escola, acaba se instalando no pênis do colega – que ganha um pequeno rosto similar ao dono do espírito e passa a falar. Outros dois colegas têm sua personalidade genital trocada, como se carregassem em si uma pequena cópia do amigo (Fig. 3-20a).

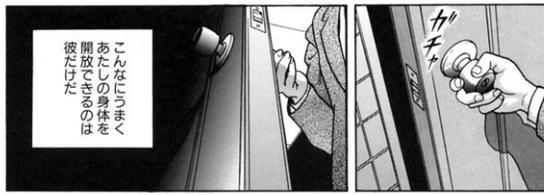


Fig. 3-20b: Do mesmo autor de *Bondage Fairies*. Faz sentido.



Fig. 3-20c: Note o “pênis” robótico aparentemente censurado.

Hontou wa eroi otogi hanashi (“Contos de fada realmente pornográficos”), do mesmo autor de *Bondage Fairies*, toma outro caminho, dando a objetos comuns feições antropomórficas e colocando erotismo em ações cotidianas. Uma das histórias tem como protagonista uma maçaneta (Fig. 3-20b): a pequena mulher presa à porta abre a tranca quando a inserção da chave certa causa-lhe um orgasmo. Quando um ladrão tenta arrombá-la, reage como se estivesse sendo estuprada.

White Flash é um mangá hentai comum que segue os passos de muitos doujinshi baseados em jogos de luta: um casal de lutadores se enfrenta, o homem vence e tenta abusar da adversária; ela reluta mas acaba por aceitar. Nesse caso, porém, os dois são robôs gigantes, inteiramente mecânicos e feitos de metal (Fig. 3-20c).

Provavelmente a única coisa que se pode esperar de um hentai WTF é uma surpresa. Geralmente esta é agradável, sendo bastante engraçada ou simpática.

Guro

O nome vem da pronúncia japonesa para a palavra *grotesque* – “grotesco”, em português. Assim como BDSM, engloba uma coleção diversa de fetiches nem sempre relacionados entre si. São considerados *guro* mangás que envolvem violência gratuita, morte, desfiguração, mutilação, excrementos e outras coisas para as quais eu honestamente não conheço nenhum nome, mas posso afirmar que não são mais agradáveis que as mencionadas.

Por incrível que pareça, dois mangás *guro* foram publicados no Brasil, em forma de livro, ambos pela editora Conrad, ambos de Suehiro Maruo. Sobre *Ero-Guro* não posso comentar, não o li; perdi o interesse ao longo da leitura das outras obras do autor. O outro título que chegou ao país é *O Vampiro que Ri*, uma história confusa sobre um vampiro adolescente, o vampiro original (uma mulher “rejeitada pela própria morte”), um estudante piromaníaco que causa tragédias e assassina



Fig. 3-21a: Maruo se distancia do mangá convencional tanto em traço quanto em temas.

pessoas de forma brutal por diversão e uma garota, única personagem central minimamente normal – ora, ela não vende suas calcinhas usadas e urina nem faz sexo com idosos por dinheiro, como suas colegas de classe. Uma cena deste mangá é icônica de todo o trabalho de Suehiro Maruo: a vampira – uma velha que, em vida, era confundida com um demônio – nua, banhando-se no sangue de bebês recém-nascidos enquanto os pequenos corpos ainda flutuam na banheira. Note-se, porém: “*O Vampiro que Ri* ataca nossas retinas com as cenas mais perturbadoras e faz isso de maneira tão efetiva justamente por seus traços muito delicados”, diz a resenha da editora.

O traço (Fig. 3-21a) de Maruo, entretanto, é quase uma exceção; outros artistas *guro* costumam ser mais próximos do estilo de traço de mangás convencionais. Isso pode ser observado (sob sua própria conta e risco, tomadas as devidas precauções; eu não me responsabilizo) em *The Holes* (Fig. 3-21b): às primeiras páginas, pode-se imaginar que é um mangá hentai comum. O título mostra seu lado *guro* quando a protagonista Yumiko descobre em seu corpo uma infecção que causa o aparecimento em sua pele de estranhos buracos que soltam um fluido viscoso – que abre mais buracos em qualquer parte do corpo com que entre em contato. Ao descobrir que os buracos são potentes zonas erógenas, a garota perde a razão e os espalha por todo o corpo.



Fig. 3-21b: Yumiko é desenhada de forma muito simpática. Merecia destino melhor que as páginas de *The Holes*.

A conhecida cena de *Shin Seiki Evangelion* onde diversos clones de Rei Ayanami aparecem despedaçados dentro dos aquários onde eram mantidos serve de pano de fundo para uma das histórias da quarta edição de *Empire*, onde Rei se masturba com pedaços dos corpos de seus clones – uma cabeça ainda viva auxilia a personagem no ato.

A maior parte do hentai *guro*, no entanto, parece ser composta por ilustrações isoladas. Os temas são explorados ao limite: corpos partidos ao meio, vítimas sendo estranguladas com os próprios intestinos, servidas ainda vivas (mas aos pedaços) como refeição, prensadas até que cérebro e outros órgãos estourem e se espalhem – e isso é apenas uma das faces do hentai *guro*.



Fig. 3-21c: Schoolgirl in Concrete: “não misture ficção com realidade, é diferente imaginar ou ler algo e fazê-lo na vida real”.

○ grotesco está tanto nas ilustrações como nas idéias: um dos símbolos do tipo, englobando outras perversões, são imagens conhecidas como “*shitting dick-nipples*”: garotas desenhadas com pênis no lugar dos mamilos, por onde excretam fezes.

Finalizemos com um mangá *guro* supostamente com boas intenções. *Shin Gendai Ryoukiden* (“História real contemporânea do bizarro”), mais conhecido como *Schoolgirl in Concrete* (“Colegial em concreto”), foi feito sob encomenda com base na história de Junko Furuta. No final de 1988, Junko, então com dezessete anos, foi seqüestrada por um grupo de rapazes de sua faixa etária (Fig. 3-21c). No cativeiro a garota foi estuprada por um número desconhecido de homens, humilhada e torturada incessantemente, levando-a diversas vezes a pedir para ser morta para que aquilo acabasse. Quando isso finalmente aconteceu, quarenta e um dias depois, seu corpo foi colocado em um tambor de concreto e abandonado num terreno baldio. *Shin Gendai Ryoukiden* conta esta história, ficcionalizando alguns detalhes (a garota se chama Youko Tomioka no mangá, por exemplo) mas mostrando de forma bastante gráfica o sofrimento por que passou a vítima. O texto de abertura da obra diz que a intenção dos autores era espalhar a mensagem “não misture ficção com realidade, é diferente imaginar ou ler algo e fazê-lo na vida real”.



Fig. 4-01: A herança de Urotsukidoji ainda é vista com frequência em sua forma animada.



Outras mídias

Vale a pena lançar os olhos sobre hentai e *ecchi* em outras mídias. Embora de alcance menor que o mangá – por custos, dificuldade de produção, especialização e pela enorme popularidade do mangá em geral no Japão –, a importância de mídias alternativas no desenvolvimento do hentai e sua popularização no Ocidente não pode ser ignorada.

Animê

○ animê é visto como o companheiro natural do mangá em histórias não hentai, quase uma evolução natural de mangás de sucesso – pouquíssimos dos mangás publicados no Brasil não têm uma versão animê.

○ mesmo não ocorre com mangás e animês hentai, no entanto. Existem versões animê de alguns poucos mangás hentai de maior fama (principalmente do gênero *yaoi*), mas encontrei apenas uma delas durante a realização desse trabalho: *Urotsukidoji*, de Toshio Maeda. Ironicamente, a versão para as telas do trabalho de Maeda é imensamente mais conhecida que o original impresso – e a ela é creditada a introdução dos monstros e tentáculos no gênero hentai (desconsiderando, naturalmente, *O Sonho da Mulher do Pescador*, gravura de 1820 de Hokusai).

Em todo caso, a falta de versões animadas de mangás hentai não quer dizer que animês hentai sejam raros. Pelo contrário: talvez não representem uma parcela total dos animês tão grande quanto os mangás hentai representam em mídia impressa, mas existem em número significativo – com roteiros originais, não adaptados de mangás.

Os temas do animê hentai são quase tão variados quanto nos mangás. São comuns histórias com elementos de fantasia, *futanari*, monstros (Fig. 4-01), estupros, incesto, menores, objetos, fetiches, toques de terror ou comédia. Não há, entretanto, personagens de histórias não hentai – certamente para evitar quebra de direitos autorais – e exageros em de-

terminadas partes do corpo, fato visto em alguns mangás. (Fonte: *Anime News Network Encyclopedia*)

Jogos

Chamados de *H-game* no Ocidente e *eroge* (lê-se “ero-guê”, de “*erotic game*”) no Japão, os jogos hentai são uma mídia de importância maior do que lhe é atribuída no cenário hentai japonês e mesmo ocidental. Traduções oficiais são poucas, mas os números vêm aumentando.

Criados no final da década de 1980 para computadores japoneses, os *eroge* eram pouco mais que seqüências de cenas de sexo com personagens no estilo mangá. O começo da década seguinte trouxe aos jogos um novo paradigma: o RPG (*Role Playing Game*) com cenas hentai, onde o jogador precisava alcançar certos objetivos antes de ser premiado com uma cena erótica ou pornográfica. O jogo mais conhecido dessa época é *Knights of Xentar*, terceira edição da série *Dragon Knight*, lançada nos EUA em duas versões: original (sem qualquer censura) e censurada (com imagens alteradas). No Japão, o pioneiro *Dokyusei* é o mais popular do período: diferente de *Knights of Xentar*, que seguia uma linha de RPG “capa e espada”, *Dokyusei* focava a relação entre o jogador e diversas personagens femininas, dentre as quais deveria escolher uma para tentar seduzir e vencer o jogo. A fórmula de *Dokyusei*, conhecida como *dating sim* (“simulador de namoro”) é seguida em muitos jogos ainda hoje, não se limitando ao gênero hentai – por exemplo, na série *Angelique*, voltada para garotas, o objetivo principal da protagonista é se tornar rainha do universo (título que disputa com uma rival), convencendo seus tutores de que é a mais adequada para a posição; se preferir, porém, pode se enamorar de qualquer um dos tutores e até mesmo fugir com ele.

Finalmente, no final da década de 1990, surgiram as *visual novels*, com finais múltiplos dependentes de escolhas do jogador ao longo da história. A maior parte dos jogos hentai atualmente segue esse modelo, com histórias cada vez mais elaboradas – chegando ao ponto de levar



Fig. 4-02a: A separação entre as áreas de texto, verbos e imagem, muito comum em eroge até o começo do século, se faz clara no clássico *Nocturnal Illusion*.



Fig. 4-02b: O primeiro encontro do protagonista com sua irmã Kana, no frio quarto de hospital.

o jogador a questionar a necessidade do hentai: *Nocturnal Illusion* (Fig. 4-02a) e *DiviDead* têm histórias e atmosferas tão envolventes que as cenas explícitas servem apenas para atrapalhar o desenrolar do enredo. O melhor exemplo da desnecessidade do elemento hentai é o famoso *Kana Imouto* (*Kana, Little Sister* nos EUA), que coloca o jogador no papel de irmão de Kana, uma garota confinada por uma doença grave a um quarto de hospital (Fig. 4-02b). O fragmento a seguir, retirado de um artigo¹⁶ de 2004 do site ForeverGeek, ilustra o ponto:

A maioria das críticas sobre *Kana, Little Sister* deve começar da mesma forma que essa. Compre esse jogo, jogue-o. Debulhe-se em lágrimas com uma das histórias mais tocantes que jamais verá, em um dos jogos mais bonitos já criados. É uma coisa ler sobre alguém morrendo, mas em *Kana, Little Sister*, você é o irmão dela... e cada escolha sua afeta as chances de Kana sobreviver.

O fato é comprovado também em adaptações para animê de jogos hentai. O animê *Tsukihime*, que não apresenta qualquer cena de sexo, é baseado num jogo homônimo onde o protagonista mantém relações com inúmeras garotas, inclusive sua irmã.

Por outro lado, jogos hentai também geram animês hentai – talvez existam mais adaptações de jogos para animê, no caso desse gênero, que de mangás para animê. Bons exemplos são as séries *Words Worth* e *Elfina*, cujas versões animadas são mais populares que os jogos que as originaram. (Fonte: “*A History of Eroge*”, in *Hentai.co.uk*)

Na Internet

A Internet é atualmente a maior via de distribuição de hentai em todo o mundo, de forma legal (distribuição original pelos próprios autores) e “pirata” (animês, mangás e *artbooks* digitalizados). Uma ressalva necessária: muitos distribuidores de material pirata deixam de distribuí-

¹⁶ Disponível em http://forevergeek.com/articles/kana_little_sister.php.

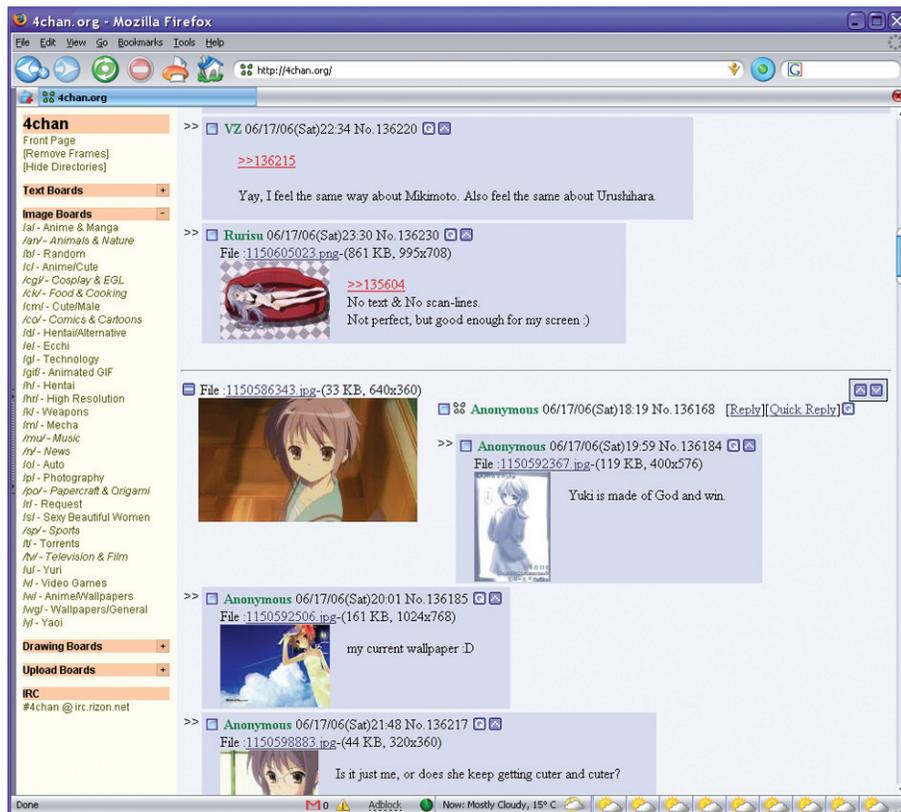


Fig. 4-03: Discussões em um dos fóruns da maior imageboard ocidental, 4chan.

lo quando da sua licença no Ocidente, seguindo o exemplo de *fansubbers* de animê (grupos que traduzem e legendam animês originais para distribuição em outros países).

A principal fonte de ilustrações hentai e *ecchi* são sites pessoais: um número incalculável de desenhistas japoneses mantém na Internet, como portfólios, galerias de seus trabalhos, não impondo qualquer restrição à redistribuição das imagens. Podemos citar o *Ryu's Form Site* e o *Sky Lounge Garden* (este com *nekomimi* e *maids* como temas principais) como ótimos exemplos de galerias de ilustrações *ecchi*, ambos de qualidade indiscutível; entre galerias de ilustrações hentai, temos o *Sea Lounge Garden* (site irmão do *Sky Lounge*) e o *Dr. Comet's Kemono Islands* (*kemonomimi* e *furry*).

A distribuição dessas ilustrações para além desses sites, em sua maioria em japonês, se dá principalmente por meio de *imageboards*. Baseadas no modelo do site *2chan*, japonês, *imageboards* são coleções de fóruns anônimos voltados à troca de imagens: cada nova mensagem ou resposta pode (em alguns casos, deve) ter uma imagem anexa. As mensagens desaparecem depois de determinado tempo: alguns fóruns mantêm seus arquivos por até dois meses, outros (mais movimentados) apagam mensagens apenas duas horas depois de enviadas.

Normalmente, o site ou cada um de seus fóruns tem um tema, que nem sempre é hentai ou mesmo ilustrações – o norte-americano *4chan* (Fig. 4-03), maior *imageboard* ocidental, tem em seu diretório fóruns específicos para imagens relacionadas a animês não hentai, imagens hentai, imagens *ecchi*, animais, fotos tiradas pelos usuários, desenhos feitos pelos usuários, discussão de notícias, instruções de *origami* e até mesmo culinária! Essa proliferação de temas é exceção, no entanto: a maior parte das *imageboards* ocidentais¹⁷ é voltada a ilustrações hentai.

¹⁷ Uma lista pode ser encontrada no site *Overchan*, em <http://www.1chan.net/overchan/>



Fig. 4-04a: Isso certamente não é nenhuma surpresa.



Fig. 4-04b: Boa noite. Sem dúvida.

Merchandising diverso

Apesar de não serem produtos editoriais, algumas formas pouco usuais de publicação de *ecchi* e hentai merecem ser ao menos mencionadas para mostrar até onde pode ir o gênero e seus fãs.

Primeiro, as estátuas, chamadas em inglês de *figurines*. Existe um grande mercado de estatuetas, de tamanho médio de vinte centímetros, de personagens de animê – principalmente robôs, mas também humanos. Há também um nicho de estátuas *ecchi*, geralmente de garotas consagradas (Rei e Asuka, de *Shin Seiki Evangelion*, são freqüentes), em poses sensuais e roupas transparentes ou removíveis. Existem também estatuetas explícitas, com genitais detalhados, tanto em poses sensuais como casuais, mas são mais raras.

Além de mangás, autores de melhor traço e maior fama produzem também *artbooks*. São livros de formato maior que um mangá, papel de melhor qualidade, normalmente com muitas páginas coloridas; podem conter ilustrações isoladas e uma ou mais histórias. Seu conteúdo é mais voltado ao *ecchi* que ao hentai; mesmo quando explícitos, os genitais não costumam ser mostrados, sem dúvida para evitar a censura.

Em seguida, nenhuma surpresa, calendários. Nessa outra área onde é comum ver material com temática de mangá e animê, calendários com imagens hentai de personagens famosas (Fig. 4-04a) não são raros.

Finalmente, um tipo de material muito surpreendente: roupas de cama (Fig. 4-04b) com garotas de diversos animês em “tamanho real”, vestidas de diversas formas e em várias poses, algumas bastante sugestivas. Não é necessário comentar.

Hentai no Brasil

A publicação de mangás hentai ainda engatinha no Brasil. Oficialmente, foram lançados no Brasil apenas sete títulos: *Love Junkies* e *Mouse* pela JBC; *Sade*, *O Vampiro que Ri* e *Ero-Guro (Ultra Gash Inferno nos EUA)* pela Conrad; *Komdom's SaFadinhas (Bondage Fairies)* e *Toshiki's Sensual Girls* (aparentemente parte de *Hot Tails* original ou *Extreme*) pela Opera Graphica.

Os dois mangás publicados pela JBC são comédias eróticas de periodicidade mensal; em junho de 2006, foram lançadas as edições número trinta e um de *Love Junkies* e onze de *Mouse*. Os títulos da Conrad não são periódicos: *Sade* é uma coletânea em formato mangá, em volume único, de histórias desenhadas por Senno Knife, adaptadas de contos eróticos clássicos; *O Vampiro que Ri* e *Ero-Guro* são livros de Suehiro Maruo – de temática *guro* obviamente –, tratados pela crítica mais como “arte subversiva” que como hentai, e provavelmente de público muito diferente dos leitores de mangá.

Os títulos da Opera Graphica parecem não ter passado da primeira edição. Não me lembro de ter visto à época *Toshiki's Sensual Girls* à venda; de fato, só fiquei sabendo da existência do título pouco antes de concluir este trabalho. *Komdom's SaFadinhas* é outro mistério: a edição a que tive acesso tem metade da capa oculta por uma faixa preta com o aviso de “conteúdo erótico e pornográfico” e não traz qualquer indicação de ter sido publicada pela Opera Graphica, mas sim pela editora PlayPress – cuja caixa-postal para correspondência é a mesma da Opera Graphica. Contudo, todas as resenhas que encontrei de *SaFadinhas* mostravam a mesma capa sem a faixa preta, com a logomarca da Opera Graphica, marcada como sendo a segunda edição. Infelizmente não encontrei um volume à venda para que pudesse comparar o conteúdo – o que é uma pena: a tradução da edição da PlayPress de *SaFadinhas* é sofrível e bastante vulgar, eu teria ficado feliz se descobrisse que a edição

da Opera Graphica é diferente. De fato, à exceção de resenhas antigas e menções na loja on-line Submarino (que lista ambas como esgotadas), não encontrei qualquer traço das duas revistas em lugar algum – nem o próprio catálogo da Opera Graphica as incluem!

Quanto às vendas, a permanência dos dois títulos da JBC por tanto tempo no mercado é por si só um bom indicativo, mas Flávio Uriondo, dono da loja de revistas on-line Banca2000, confirma¹⁸: “os hentai vendem pouco menos que os mangás [comuns]; títulos como *Mouse* e *Love Junkies* vendem praticamente a mesma coisa, os outros vendem menos”. Adverte, porém, que “geralmente os compradores de hentai são compradores de mangá, com poucas exceções”. Isso poderia ser uma limitação do mercado: o público de hentai seria apenas um nicho dentro do público de mangás. É apenas especulação, mas se aceitarmos a teoria teremos uma possível explicação para o insucesso dos títulos lançados pela Opera Graphica: os leitores brasileiros de mangás não estariam preparados para hentai mais explícito que as *ero-comedies*, que por sua vez não encontrariam compradores em outros mercados.

Por outro lado, aparentemente existe no Brasil um sólido mercado de hentai produzido no próprio país, alimentado principalmente pela editora Xanadu: a revista *HentaiX*, com histórias escritas e desenhadas por brasileiros, já passa das cinquenta edições. A qualidade das histórias é bastante discutível, sendo geralmente centrada em cenas de sexo envolvendo um casal, eventualmente incluindo algum pano de fundo como apelo cômico. Em todo caso, a variedade de temas é muito baixa.

A editora Xanadu publica também os títulos *HentaiX Especial*, *HentaiX Jumbo*, *HentaiX Mix*, *Mangá Sex*, *GLS Mangá*, *Contos Hentai* (contos explícitos entremeados por imagens hentai em preto e branco), *Hanimídia* (revista de poucas páginas, traz como brinde um CD com coleções de imagens hentai e alguns *clips* curtos extraídos de animês), *Minibook Hentai* (coleções de imagens). Porém, faz-se necessário dizer

¹⁸ A curta entrevista se encontra no Anexo II.

que, à exceção das histórias nacionais e das capas, praticamente todas as imagens utilizadas nessas revistas – entremeando o texto na *Contos Hentai*, todo o conteúdo de *Minibook Hentai* e do CD brinde de *Hanimídia* (incluindo os *clips*) – são claramente capturados de diversos sites, redes e *imageboards* da Internet ou de *eroge* – a própria capa da terceira edição de *Minibook Hentai* traz uma imagem de Sharon, conhecida personagem do jogo *Words Worth*. Muitas dessas imagens apresentam “pixelização”¹⁹ e até mesmo as “molduras” típicas de *eroge* (normalmente, a tela é dividida em partes para texto e imagens, separadas por molduras). O fato é visto em outras publicações do tipo, como a revista *Hentai*, da editora Escala. Considero bastante improvável que essas editoras tenham adquirido dos respectivos autores licenças para o uso comercial de todas essas imagens.

Finalmente, um exemplar muito curioso que chegou às minhas mãos merece ser destacado. Trata-se de uma revista de formato pequeno, com o título *Mangá Proibido*, segunda edição; como conteúdo, duas histórias hentai japonesas não publicadas nos EUA, em seu sentido original de leitura, com avisos no começo e no fim da revista, e uma galeria de imagens. Razoavelmente caprichada do ponto de vista editorial, com boa tradução. O que causa muita estranheza é o fato de não haver, em qualquer lugar da revista, uma única indicação de quem a publicou!

19 Efeito de “quadrinhos”, geralmente ocorre com imagens de baixa resolução quando são ampliadas por computador. Aparece também – principalmente, nesse caso – em imagens extraídas de *eroge* antigos (os computadores da época não conseguiam mostrar imagens de alta resolução).

Conclusão

Comédia, ação, romance, aventura, suspense, mistério, terror, ficção científica, ficção histórica *et cetera* são gêneros atribuídos à qualquer obra literária. Todos eles, sem exceção, estão representados na enorme e dispare coleção que forma o gênero de mangá hentai – que ainda vai além.

A falta de limites dada por um selo de “impróprio para menores” faz com que seja muito difícil encontrar, entre um sem número de histórias, coletâneas, álbuns, sites, ilustrações e lençóis, algo de real qualidade, atribua-se à palavra o significado que melhor couber. É garantido, no entanto, que se encontrará no mangá hentai o que quer que se procure, desde uma história que expõe o funcionamento de uma mente atormentada por um complexo de Édipo patológico até uma ilustração mostrando crianças impúberes vestidas de enfermeira e inocentemente “brincando de médico”. O gênero alcança qualquer fetiche, mesmo os mais reprováveis, e ainda consegue ser sério o suficiente (em casos raros, diga-se, mas existentes) para levar o leitor às lágrimas, fazê-lo pensar, chocá-lo ou simplesmente diverti-lo.

Temos, no Brasil, a seguinte situação: *ero-comedies* de sucesso, *guro* aclamado como arte subversiva, títulos famosos no Ocidente publicados de forma confusa e desaparecendo em seguida, produção nacional com pouca variedade e muito material não licenciado existindo nas sombras. Talvez o país ainda não esteja preparado para todo o espectro do hentai – por motivos culturais, provavelmente jamais estará (comentário de um brasileiro numa *imageboard* voltada específica e exclusivamente a *shotacon*: “Bando de veadinhos vestidos de menina.”²⁰) –, mas não se pode ignorar que o mangá hentai, quando tratado com algum respeito, encontrou no mercado brasileiro leitores fiéis e admiradores. Não só

20 Comentário feito no fórum “Torrent/Lolikon” do site not4chan (<http://not4chan.org>). Dada a efemeridade da *imageboard*, a página exata (<http://may.not4chan.org/tl/res/20808.html>), acessada pela última vez em 16 de junho de 2006, pode não estar mais disponível.

isso: o mangá em geral quebrou o estigma de décadas que “quadrinhos são para crianças e adolescentes”: *Bastard!!*, proibido para menores principalmente por suas cenas de violência, já passa da vigésima-terceira edição mensal.

Acredito, portanto, que o mercado aceitaria um número maior de tipos de hentai: bem tratados, devidamente licenciados e apresentados como mangá hentai ao invés de pornografia desenhada, muitos deles têm um grande potencial.

Considerações finais

A pressão de um prazo apertado é tão forte combustível quanto freio. Considero incrível que tenha conseguido produzir este trabalho nas poucas semanas entre a desistência forçada do tema anterior e a data final de entrega, mas sei que muitas ausências poderiam ter sido evitadas se houvesse mais tempo.

Acima de tudo, gostaria de ter feito um capítulo sobre os autores e círculos mais importantes: algumas páginas especificamente sobre Saigado, Kondom, Toshiki Yui, U-Jin, Senno Knife, Hiroyuki Utatane, Satoshi Urushihara, Po-Ju. Os problemas com a escrita de tal capítulo foram vários, sendo a falta de informações ao meu alcance, mesmo em japonês, o mais sério. Por outro lado, pergunto-me qual seria a validade de tal capítulo, dada a completa falta de critério objetivo para a escolha dos autores.

Gostaria também de ter analisado mais a fundo o hentai nacional, comparado sua linguagem e temas com o japonês e suas traduções americanas. Não ousei vislumbrar uma comparação entre o hentai nacional e outras formas de pornografia produzidas no país; seria um outro trabalho, completamente diferente. Ousei imaginar uma comparação entre o hentai japonês e o quadrinho pornográfico europeu, mas voltei à realidade antes de começar tal empreitada.

Foi uma pena ter descoberto tão tarde que *SaFadinhas* fora lançado pela Opera Graphica, junto com *Toshiki's Sensual Girls*. Não sabia da existência do segundo título, e minha cópia de *SaFadinhas* misteriosamente é da desconhecida editora PlayPress (se tem relação com a homônima italiana, não descobri). Meus planos de comentar sua tradução e a forma como foi comercializada sofreram com isso: não sabendo quais as diferenças entre a versão PlayPress e a Opera Graphica, correria o risco de ser injusto com o título.

Tenho consciência de que o trabalho foi vítima de muito ruído, mas fiz o que pude para minimizar seu efeito. Teria sido melhor usar mais mangás originais ao invés de edições norte-americanas e traduções feitas por fãs, sem dúvida – havia um grande risco de observar o mangá hentai através de um tubo criado por editoras americanas e fãs. Para contrabalançar o problema, usei tanto quanto pude versões originais em japonês – o que muitas vezes me custou mais tempo do que deveria, meus conhecimentos da língua não são suficientes para uma boa leitura e a tradução de terceiros somente causaria mais ruído (além de ser impossível pedir, em pleno uso das faculdades mentais, para que outra pessoa traduza determinados títulos). Mesmo o uso de originais em japonês tem sua interferência, no entanto, pois na maioria das vezes está limitado a edições digitalizadas e disponibilizadas na Internet.

Acredito, entretanto, que uma amostra de exatos quinhentos e cinquenta títulos diferentes e mais de quinze mil imagens seja suficiente para silenciar boa parte desse ruído. Por trás de praticamente todas as histórias que cito como exemplo ao longo do trabalho há, em média, outras duas ou três que seguem o mesmo padrão e poderiam ser usadas também.

Considero o trabalho concluído e tenho orgulho do resultado, mas não quero ver mais nenhuma página de mangá hentai por um bom tempo.

Referências

- ATSUKAMASHII Onna Interview: Senno Knife. *Sequential Tart*, vol. VI, fevereiro de 2003. Disponível em <http://www.sequentialtart.com/archive/feb03/knife.shtml>
Acesso em 3 de junho de 2006.
- BONDAGE Fairies. *Wikipedia* (s/d). Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Bondage_Fairies
Acesso em 5 de junho de 2006.
- CAVALHEIRO, Renato de Faria. *Propaganda ideológica em mangá; uma ferramenta para a manutenção do modo de vida japonês através da afirmação dos valores da sociedade nipônica, 2005*. Trabalho de Conclusão de Curso (Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- CHOJUGIGA by Masakazu Yoshizawa, The. *Kokin-Gumi*, 2002. Disponível em <http://www.kokingumi.com/ChojuGiga/index.html>
Acesso em 15 de maio de 2006.
- DE MENTE, Boyé Lafayette. Why foreign men like Japan (it's the girls!). *Eyes on Japan*, 2001. Disponível em <http://www.davidappleyard.com/japan/jp20.htm>
Acesso em 29 de maio de 2006.
- DOJINSHI. *Wikipedia* (s/d). Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Dojinshi>
Acesso em 10 de junho de 2006.
- ECCHI. *Reference.com* (s/d). Disponível em <http://www.reference.com/browse/wiki/Ecchi>
Acessado em 18 de maio de 2006.
- EROGE. *Wikipedia*, (s/d). Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Eroge>
Acesso em 15 de maio de 2006.

EROGE: Past, Present and Future. *Hentai.co.uk*, março de 2006.
Disponível em
http://www.hentai.co.uk/articles/eroge_past_present_and_future.html
Acesso em 15 de maio de 2006.

FIX for Japan Pop-Culture Addicts: J-List's Founder Peter Payne
Interviewed. *Wired News*, 12 de abril de 2004. Disponível em
<http://www.wired.com/news/culture/0,63009-0.html>
Acesso em 18 de maio de 2006.

'H' does not mean 'hentai' (s/d). Disponível em
http://web.archive.org/web/20021212041355re_/home.attbi.com/~kagamix2/H_does_not_mean_hentai/
Acesso em 15 de maio de 2006.

HENTAI. *Wikipedia* (s/d). Disponível em
<http://en.wikipedia.org/wiki/Hentai>
Acesso em 15 de maio de 2006.

HENTAI: The Past and Present. Fevereiro de 2006. Disponível em
http://www.hentai.co.uk/articles/hentai_past_and_present.html
Acesso em 15 de maio de 2006.

HISTORY of Manga. *Wikipedia* (s/d). Disponível em
http://en.wikipedia.org/wiki/History_of_manga
Acesso em 15 de maio de 2006.

KANA, Little Sister. *Forever Geek*. 3 de outubro de 2004. Disponível em
http://forevergeek.com/articles/kana_little_sister.php
Acesso em 10 de junho de 2006.

LUYTEN, Sonia Bibe (org.). *Cultura Pop Japonesa*. São Paulo: Hedra, 2005.

LUYTEN, Sonia Bibe. *Mangá – O Poder dos Quadrinhos Japoneses*, 2^a
ed. São Paulo: Hedra, 2000 [1991].

- MAGALHÃES, Bianca Ribeiro. *Antropofagia, Cultura Popular Japonesa e Globalização: o Consumo de Mangás*, 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Editoração) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- MANGA Artist Interview Series (Part I): Toshio Maeda. *Sake Drenched Postcards* (s/d). Disponível em <http://www.bigempire.com/sake/manga1.html>
Acesso em 5 de junho de 2006.
- MATSUSHITA, Vivian Miwa. *A edição de mangás no Brasil*, 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Editoração) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- McLELLAND, Mark. A Short History of ‘Hentai’, in *Intersections: Gender, History and Culture in the Asian Context*, nº 12, janeiro de 2006. Disponível em <http://www.sshe.murdoch.edu.au/intersections/issue12/mclelland.html>
Acesso em 3 de junho de 2006.
- PORNOGRAPHY in Japan. *Wikipedia* (s/d). Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Pornography_in_Japan
Acesso em 12 de junho de 2006.
- ROSA, Franco de (org.). *Hentai – A Sedução do Mangá*. São Paulo, Opera Graphica, 2005.
- SENNO Knife’s Profile. *World of Senno Knife* (s/d). Disponível em <http://www.ceres.dti.ne.jp/~nekoi/SENNO/SENabout.html>
Acesso em 3 de junho de 2006.
- WEISS, Daniel. Fetiches deixam de ser um segredo. *GLS Planet*, 12 de janeiro de 2001. Disponível em <http://glsplanet.terra.com.br/news/fetiches.htm>
Acesso em 15 de junho de 2006.

Títulos citados

Mangá / Revista

- Abunai Etsuko-sensei* (HIDIRI, Rei. Japão: Fujimi Shuppan, 2000)
- Alice in Sexland* (JYUUBAORI, Mashumaro. EUA: Eros Comix, 2001)
- Ane to Megane to Miruku – Listen a while* (RaTe. Japão: Fujimi Shuppan, 2004)
- Angel Sanctuary* (YUKI, Kaori. Brasil: JBC, 2005)
- Bastard!!* (HAGIWARA, Kazushi. Brasil: JBC, 2004)
- Boku no Futatsu no Tsubasa* (YUI, Toshiki. Japão: Shueisha, 2003)
- Bondage Fairies* (KAKUTA, Teruo. EUA: BD Érogène, 2001)
- Bondage Fairies Extreme* (KAKUTA, Teruo. EUA: Eros Comix, 1999)
- Bondage Fairies: Fairie Fetish* (KAKUTA, Teruo. EUA: Eros Comix, 1999)
- Bosei Bonnou* (MUSTANG-R. Japão: Mujin Comics, 2004)
- Boys' and Girls' Summer* (MINAZUKI, Juuzou, in *Zutto Zutto Suki Datta*. Japão: Fujimi Shuppan, 1998)
- Chintsubu* (YAMATO, Nase. Japão: MB Comics, 2003)
- Chobits* (CLAMP. Brasil: JBC, 2003)
- Comic LO – Batoda! Onii-chan point!, 119 or 110, Futari wa Tomodachi* (Antologia. Japão: Akane Shinsha, 2004)
- Contos Hentai* (Antologia. Brasil: Xanadu, 200?)
- Countdown: Sex Bombs* (UTATANE, Hiroyuki. EUA: Eros Comix, 1996)

Dickgirl Bride (Desconhecido)

Dragon Pink (YOKO, Ito. Japão: Tatsumi Comics, 1990)

Empire (Antologia. Japão: Type.90, 2001)

Ero-Guro (MARUO, Suehiro. Brasil: Conrad, 2005)

Femme Kabuki (TAMAKI, Nozomu. EUA: Sexy Fruit, 1998)

Furry Bomb (Desconhecido)

Ghost in the Shell (SHIROW, Masamune. Japão: Young Magazine, 1989)

GLS Mangá (Antologia. Brasil: Xanadu, 200?)

Good Morning (Desconhecido)

Haitoku [Immorality] (MIZUYOUKAN. Japão: Akane Shinsha, 2001)

Hanimídia (Antologia. Brasil: Xanadu, 200?)

Heaven or Hell (BLUE BLOOD. Japão: X Comics, 1999)

Heaven or Hell Advanced (BLUE BLOOD. Japão: X Comics, 2001)

Hentai (Antologia. Brasil: Escala, 200?)

HentaiX Especial (Antologia. Brasil: Xanadu, 200?)

HentaiX Jumbo (Antologia. Brasil: Xanadu, 200?)

HentaiX Mix (Antologia. Brasil: Xanadu, 200?)

Hi Kan Musum (Antologia. Japão: Team Shuffle, 1998)

Hontou wa eroi otogi hanashi (KAKUTA, Teruo. Japão: World Comics, 2005)

Hot Tails (YUI, Toshiki. EUA: Eros Comix, 1999)

Hot Tails Extreme (YUI, Toshiki. EUA: Eros Comix, 1999)

Kabe no Naka no Tenshi (Desconhecido)
Kemo's Works (KEMO. Japão: [*Doujinshi*], 200?)
Ken-Jyuu (HII-CHAN. Japão: Lucretia, 2001)
Kinniku Otoko (Antologia. Japão: Kyosai Comics, 200?)
Kokoko-chan (SAIZOU, Horihone. Japão: ?)
Love Hina (AKAMATSU, Ken. Brasil: JBC, 2002)
Love Junkies (HATSUKI, Kyo. Brasil: JBC, 2003)
Luck of the Draw (TRUMP. EUA: Radio Comix, 2000)
Lust (RONIN, Tenjiku. EUA: Eros Comix, 2001)
Mai, a garota sensitiva (KUDO, Kazuia. Brasil: Abril, 1992)
Mangá Proibido (Desconhecido)
Mangá Sex (Antologia. Brasil: Xanadu, 200?)
Mata Natsu ga Kita (TAKASHIMA, Kazusa. Japão: Be-Boy Gold, 2000)
Midnight Panther (ASAGIRI, Yu. EUA: CPM Manga, ?)
Minibook Hentai (Antologia. Brasil: Xanadu, 200?)
Momoiro Clinic (HOTATE, James. Japão: YC Comics, 2004)
Mouse (AKAHORI, Satoru. Brasil: JBC, 2005)
New Bondage Fairies (KAKUTA, Teruo. EUA: Eros Comix, 1999)
Pink Sniper Maniax (YONEKURA, Kengo. Japão: Kyouken Diners, 2003)
Purple Bonus (Desconhecido)
Queen of Hardest (ORETEKI. Japão: [*Doujinshi*], ?)
Rhythm (FULLNERSON, Bakunyu. Japão: Raiden Corporation, 2001)

Sade (KNIFE, Senno. Brasil: Conrad, 2006)

Secret Plot (NEWMEN. EUA: Eros Comix, 200?)

Secret Plot Deep (NEWMEN. EUA: Eros Comix, 200?)

Sei So Tsui Dan Sha (OKINA, Shiwasu no. Japão: Seraphim Comics, 2003)

Sepia (KNIFE, Senno. EUA: Sexy Fruit, 2000)

Shin Gendai Ryoukiden (Schoolgirl in Concrete) (UZIGA, Waita. Japão: ?, 2004)

Silky Whip (OH! GREAT. EUA: Eros Comix, 2002)

Slut Girl (ISUTOSHI. EUA: Eros Comix, 2000)

Stop! Master (MIYASHITA, Kitsune. Japão: Boys L, 2005)

Students for the Future Children (Desconhecido)

Super Fist Ayumi (?, EUA: Eros Comix, ?)

Super Taboo (OGAMI, Wolf. EUA: Eros Comix, ?)

Temptation (UTATANE, Hiroyuki. EUA: Eros Comix, 2002)

The Holes (MACHINO, Henmaru in *Hell Season*. Japão: ?, ?)

Vampiro que Ri, O (MARUO, Suehiro. Brasil: Conrad, 2004)

Vanity Angel (ASANO, Kaori. EUA: Vênus Comics, 1994)

Viper V-1 (? Japão: ?, 1996)

White Flash (? Japão: ?, 2001)

Yawarakaino (KINOSHITA, Junichi. Japão: Megastore Comics, 2005)

Animê

- *Cavaleiros do Zodíaco*
- *Dirty Pair*
- *Elfina*
- *La Blue Girl*
- *Macross*
- *Shin Seiki Evangelion*
- *Tetsujin 28-go (Gigantor, nos EUA)*
- *Tsukihime*
- *Urotsukidoji*
- *Words Worth*
- *Zillion*

Games

- *Angelique*
- *DiviDead*
- *Dokyusei*
- *Dragon Knight 3: Knights of Xentar*
- *Elfina*
- *Guilty Gear*
- *Kana Imouto, (Kana, Little Sister nos EUA)*
- *Nocturnal Illusion*
- *Tsukihime*
- *Words Worth*

Sites

- 2chan – <http://www.2chan.net/>
- 4chan – <http://4chan.org/>
- Dr. Comet's Kemono Islands – <http://www.kurumi.sakura.ne.jp/~kemono/>
- not4chan – <http://not4chan.org/>
- Overchan – <http://www.1chan.net/overchan/>
- Ryu's Form Site – <http://www.geocities.jp/iwamitsu.jp/>
- Sea Lounge Garden – <http://www.aoi.sakura.ne.jp/~alice/>
- Serious Graphics – http://www5a.biglobe.ne.jp/~c_words/pages/serious.html
- Sky Lounge Garden – <http://www97.sakura.ne.jp/~milly/>

Origem das figuras

- Fig. 1-01: YOSHIKAWA, Masakazu. *Rendition of "Scroll A" from the Chojugiga* (detalhe). Kokin-Gumi, 2002.
- Fig. 1-02: HOKUSAI, Katsushika. *O Sonho da Mulher do Pescador*, c. 1820.
- Fig. 1-03: TAKOTSUBO, Kurabo. *Danger Zone 4R: Rebirth*, v.4 p.18. Japão: ?, 1997.
- Fig. 2-01: KANKUROU, Tomoya. *Milly*. Sky Lounge Garden, 2004.
- Fig. 2-02: MIZUYOUKAN. *Haitoku [Immorality]*, v.1 p.20. Japão: Akane Shinsha, 2001.
- Fig. 2-03: KURIMOTO, Omoshi. *F Cup de Cosplay*, v.1 p.72. Japão: World Comics, 2001.
- Fig. 2-04: 18 MONKEYS. *Ecchi na Maid-san*, v.2 p.16. Japão: ?, 2003.
- Fig. 2-05: HOTATE, James. *Momoiro Clinic*, v.1 p.7. Japão: YC Comics, 2004.
- Fig. 2-06: UNAGI, Pai. *Arutoya*, v.1 p.4. Japão: ?, 199?.
- Fig. 2-07a: MILK HALL. *Fallen Angels*, v.1 p.6. Japão: ?, 2004.
- Fig. 2-07b: FUJISAKI, Makoto. *Co-ed Sexxtasy*, v.10 p.20. EUA: Eros Comix, 199?.
- Fig. 2-08: *Desconhecido*
- Fig. 2-09a: JYUUBAORI, Mashumaro. *Alice in Sexland*, v.2 p.11. EUA: Eros Comix, 2001
- Fig. 2-09b: ANTHOLOGY Futanari Special, v.1 p.104. Japão: Tsukasa Comics, ?.

- Fig. 2-10: FULLNERSON, Bakunyu. *Rhythm*, v.1 p.8. Japão: Raiden Corporation, 2001.
- Fig. 3-01: YUI, Toshiki. *Boku no Futatsu no Tsubasa*, v.2, p.103. Japão: Shueisha, 2003.
- Fig. 3-02: KNIFE, Senno. *Sepia*, v.1 p.32. EUA: Sexy Fruit, 2000.
- Fig. 3-03: HIDIRI, Rei. *Abunai Etsuko-sensei*, v.1 p.54. Japão: Fujimi Shuppan, 2000.
- Fig. 3-04a: BLUE BLOOD. *Heaven or Hell*, v.1 p.61. Japão: X Comics, 1999
- Fig. 3-04b: YUI, Toshiki. *Hot Tails*, v.3 p.30. EUA: Eros Comix, 1999
- Fig. 3-05a: ASAGIRI, Yu. *Midnight Panther*, v.2 p.20. EUA: CPM Manga, ?
- Fig. 3-05b: YOKO, Ito. *Dragon Pink*, v.1 p.25. Japão: Tatsumi Comics, 1990
- Fig. 3-06a: STUDENTS for the Future Children, v.1 p.49.
- Fig. 3-06b: COMIC LO Anthology, v.27, p.38. Japão: Akane Shinsha, 2004.
- Fig. 3-07a: MIYASHITA, Kitsune. *Stop! Master*, v.1 p.24. Japão: Boys L, 2005
- Fig. 3-07b: SAIGADO. *British Bear Boy*, v.1 p.7. Japão: Saigado Comic Publishing, 2003.
- Fig. 3-08: SUPER Fist Ayumi, v.1 p.15. EUA: Eros Comix, ?.
- Fig. 3-09a: TAKASHIMA, Kazusa. *Mata Natsu ga Kita*, v.1 p.12. Japão: Be-Boy Gold, 2000
- Fig. 3-09b: *Desconhecido*

- Fig. 3-10: KABE no Naka No Tenshi, v.1 p.60.
- Fig. 3-11: SAIZOU, Horihone. *Kokoko-chan*, v.1 p.13. Japão: ?
- Fig. 3-12a: FURRY Bomb, v.1 p.4.
- Fig. 3-12b: TEAM Shuffle. *Book of the Beast*, v.3 p.6. Japão: Team Shuffle, 1996.
- Fig. 3-13: HI Kan Musume (Antologia), v.1 p.6. Japão: Team Shuffle, 1998
- Fig. 3-14a: MUSTANG-R. *Bosei Bonnou*, v.1 p.29. Japão: Mujin Comics, 2004
- Fig. 3-14b: *Desconhecido*
- Fig. 3-15: *Desconhecido*
- Fig. 3-16: KEMO. *Kemo's Works* (coletânea).
- Fig. 3-17a: UTATANE, Hiroyuki. *Countdown: Sex Bombs*, v.1 p.8. EUA: Eros Comix, 1996
- Fig. 3-17b: OGAMI, Wolf. *Super Taboo*, v.1 pp.11-12 EUA: Eros Comix, ?
- Fig. 3-18a: KAKUTA, Teruo. *Bondage Fairies*, v.1 p.11. EUA: BD Érogène, 2001
- Fig. 3-18b: KAKUTA, Teruo. *Bondage Fairies Extreme*, v.10 p.8. EUA: Eros Comix, 1999
- Fig. 3-18c: OH! GREAT. *Silky Whip*, v.5 pp.21-22. EUA: Eros Comix, 2002
- Fig. 3-19: HII-CHAN. *Ken-Jyuu*, v.1 p.14. Japão: Lucretia, 2001
- Fig. 3-20a: YAMATO, Nase. *Chintsubu*, v.1 p.13. Japão: MB Comics, 2003
- Fig. 3-20b: KAKUTA, Teruo. *Hontou wa eroi otogi hanashi*, p.78. Japão: World Comics, 2005

Fig. 3-20c: WHITE Flash, v.1 p.15.

Fig. 3-21a: MARUO, Suehiro. *Rose Colored Monster*, 2^a ed., p.37.
Japão: Seirindo, 1992 [1982].

Fig. 3-21b: MACHINO, Henmaru. *The Holes*, p.3. ? : ? , ?

Fig. 3-21c: UZIGA, Waita. *Shin Gendai Ryoukiden (Schoolgirl in Concrete)*, p.12. Japão: ?, 2004

Fig. 4-01: LA Blue Girl. Direção: Ken Fukumoto. Autor: Toshio Maeda. 1989.

Fig. 4-01: SEX Demon Queen. Direção: Takeshi Aoki. 2000.

Fig. 4-02a: NOCTURNAL Illusion. RCY Bros/Excellent Japan, 1997.

Fig. 4-02b: KANA, Little Sister. G-Collections, 2002.

Fig. 4-03: *Desconhecido*

Fig. 4-04a: GAINAX. *2001 EVA Calendar*, 2000.

Fig. 4-04b: *Desconhecido*

Glossário

Animê: Desenho animado japonês.

Artbook: Livros de formato maior que um mangá, papel de melhor qualidade, normalmente com muitas páginas coloridas; podem conter ilustrações isoladas e uma ou mais histórias.

Bara: Mangá *yaoi* voltado especificamente para o público masculino.

BB: “*Big breasts*” ou “*big body*” (seios grandes e corpo grande, respectivamente). Personagens com algumas partes do corpo extremamente agigantadas, normalmente os seios.

BBW: “*Big Beautiful Women*” ou “Mulheres grandes lindas”. Fetiche por mulheres acima do peso.

BDSM: *Bondage, Domination, Sadism, Masochism* – em português, “Servidão (ou Restrição), Dominação, Sadismo e Masoquismo”. A sigla engloba uma grande variedade de padrões comportamentais e sexuais desviantes, normalmente considerados abusivos ou, no mínimo, desconfortáveis. Exemplos comuns são dor, servidão, humilhação e restrição física.

Bestialidade: Ver *zoofilia*.

Catgirl: Ver *nekomimi*.

Círculo: Denominação dos grupos ou estúdios que produzem *doujinshi*.

Crossdresser: *Crossdressers* são pessoas, por vezes heterossexuais, que gostam de se vestir com roupas do sexo oposto, com ou sem intenção de produzir prazer sexual. Pode ser traduzido como “travesti”, mas não existe termo correto em português.

Dating sim: “Simulador de namoro”. Tipo de RPG que dispõe de diversas personagens, femininas ou masculinas, dentre as quais o jogador deve escolher uma para tentar seduzir e vencer o jogo.

Dickgirl: Ver *futanari*.

Doujinshi: Mangás publicados por seus próprios autores, amadores ou profissionais, sem vínculos com editoras. Normalmente têm alta qualidade de impressão e podem ser vendidos em bancas. Comparar com *fanzine*.

Ecchi: Pronúncia japonesa para a letra 'H' em inglês ("etchi"). Atualmente usada no Japão como eufemismo para qualquer coisa relacionada a sexo; na Internet é usada para designar imagens eróticas não explícitas.

Ero: Do inglês *erotic*. Gênero de mangá que engloba todo tipo de material erótico ou pornográfico.

Ero-comedy: Tipo de história onde o foco principal é em uma personagem e as situações cômicas em que se envolve ou que ocorrem em seu redor. As *ero-comedies* retratam cenas de sexo, mas estas geralmente são "comportadas". Comparar com *H-comedy*.

Eroge: Do inglês "*erotic game*". No Japão, jogos especificamente com conteúdo erótico, como o próprio nome sugere.

Exibicionismo: Diz-se do fetiche onde a pessoa tem vontade de ser observada, normalmente em situações sexuais. Comparar com *voyeurismo*.

Fansub: De *fan* (fã) e *subtitle* (legenda). Diz-se de animês legendados por fãs com o intuito de distribuí-los no Ocidente, normalmente através da Internet. Grupos locais também fazem a distribuição através de DVD ou fitas VHS, cobrando somente o valor da mídia. Ver também *scanlation*.

Fansubber: Grupo de pessoas que fazem *fansubs*.

Fanzine: Abreviação de *fanatic magazine*, revista editada por fãs (chamados *fanzineiros*). Trata-se de uma publicação despretensiosa, eventualmente sofisticada no aspecto gráfico, dependendo do poder econômico do respectivo editor. Engloba todo o tipo de temas, com especial incidência em histórias em quadrinhos, em padrões experimentais. No Brasil o termo *fanzine* é genérico para toda produção independente. Fãs de mangá e animê normalmente utilizam essa

mídia para publicar histórias de autoria própria, seja com personagens inéditas ou de terceiros, já consagradas.

Figurine: Forma diminutiva da palavra inglesa *figure*. São estatuetas de tamanho pequeno, representando uma figura humana, mas podem ter outros temas. Atualmente são feitas de qualquer material – cerâmica, metal, madeira, plástico, etc.

Furry: Tipo de hentai onde todas ou quase todas as personagens são animais antropomorfizados, geralmente mamíferos. Comparar com *zoofilia*.

Futanari: Traduzida literalmente para “hermafrodita”, a palavra japonesa ganha em hentai um significado mais amplo: qualquer personagem feminina que apresente também genitália masculina, mesmo que temporária ou incompleta, é considerada *futanari*. Ver também *newhalf*.

Graphic novel: Histórias fechadas no formato de quadrinhos, geralmente com enredo longo e complexo, e freqüentemente direcionadas a um público mais adulto. Têm acabamento mais luxuoso que as histórias em quadrinhos, com papel de melhor qualidade e, por vezes, capa dura.

Goo girl: “Garota de meleca”, entidade líquida com formas femininas. Talvez a mais comum das *monstergirls*, embora pouco reconhecida.

Guro: O nome vem da pronúncia japonesa para a palavra *grotesque* – “grotesco”, em português. São considerados *guro* mangás que envolvem violência gratuita, morte, desfiguração, mutilação, excrementos, etc.

H-comedy: Tipo de mangá onde as cenas de sexo ganham ênfase, são mais longas e explícitas, e podem acontecer em lugares improváveis ou com mais de duas pessoas. A trama fica em segundo plano, geralmente apenas para criar situações cômicas ou trazer à história mais personagens que participarão do sexo. Comparar com *ero-comedy*.

Hentai: No Japão, tipo específico de mangá e animê pornográfico de teor muito pesado, com conteúdo sexual extremo ou perverso. No

Ocidente, qualquer mangá, animê ou ilustração de conteúdo erótico ou pornográfico é denominada *hentai*.

H-game: Forma como são chamados os *eroge* no Ocidente.

Imageboard: Fórum de discussão on-line que gira em torno da publicação de imagens. Devido aos limites de armazenamento e transferência (*bandwidth*), mensagens desaparecem depois de determinado tempo: alguns fóruns mantêm seus arquivos por até dois meses, outros, mais movimentados, apagam mensagens apenas duas horas depois de enviadas.

Kemonomimi: Personagens com orelhas e/ou outros traços de coelhos, raposas, cachorros, vacas e outras espécies.

Loli: Abreviação de *lolicon*. No Ocidente, o termo se refere a personagens que ainda não chegaram à maturidade sexual.

Lolicon: Junção da expressão em inglês *lolita complex*, usada no Japão para designar pessoas que sentem atração por garotas muito jovens (“Lolita” usado em referência ao livro de Vladimir Nabokov). Em *hentai*, no Ocidente, o termo se refere a mangás focados em cenas de sexo envolvendo garotas muito jovens. Comparar com *shotacon*.

Mangá: Histórias em quadrinhos japonesas.

Meido: Do inglês *maid*, empregada. Personagens caracteristicamente submissas, normalmente vestem uniformes de estilo europeu, com babados e rendas.

Monstergirl: Versão feminina dos monstros e tentáculos, de tipos mais variados: existem *monstergirls* baseadas em insetos, aranhas e outros tantos animais viscosos e cheios de pernas. Há também animais mitológicos, como harpias e nagas (metade mulher, metade cobra), e outras misturas pouco convencionais.

Nekomimi: Garotas com orelhas de gato – e muitas vezes outros traços, tanto físicos (olhos, rabo) ou de personalidade – são extremamente comuns em mangás e animês de toda sorte, não só suas variedades

para adultos. A presença das características felinas em uma personagem muitas vezes é tratada com total naturalidade por outros personagens e mesmo pelo já acostumado público.

Newhalf: Tipo específico de *futanari*, personagens que apresentam apenas genitália masculina, mas têm características predominantemente femininas.

Pontos de experiência (EP): Nomenclatura utilizada em RPG, define os pontos que um jogador acumula ao longo do tempo, com os quais seu personagem pode evoluir e aprender novas habilidades.

Pontos de vida (HP): A maioria dos RPG contabiliza a saúde de seus personagens em *health points*, mais conhecidos como *HP*. Ao sofrer danos, personagens perdem HP, podendo ficar inconscientes ou morrer se o número cair a zero.

RPG: Tipo de jogo onde os participantes assumem o papel de personagens e criam a própria história. O jogo progride de acordo com um sistema de regras e diretrizes pré-determinadas, dentro das quais os jogadores podem improvisar livremente. As escolhas dos jogadores são determinantes para o desenrolar da história.

Scanlation: Termo originado da junção das palavras *scan* (digitalizar) e *translation* (tradução). Diz-se dos mangás digitalizados e traduzidos por fãs, para viabilizar sua distribuição no Ocidente, sempre em sua forma digital.

SD: Abreviação de *super deformed*, personagens desenhadas de forma muito estilizada, exagerada, com corpos pequenos e cabeças grandes. Normalmente utilizadas em pequenos momentos numa história para demonstrar emoções extremas ou exageradas, que seriam difíceis de mostrar de maneira mais realista. Têm intenção de serem graciosas, e dão um tom humorístico à cena.

Shota: Abreviação de *shotacon*.

Shotacon: Variação masculina do *lolicon*, foca apenas em garotos, tanto em idade pré-pubescente como um pouco mais velhos, porém efeminados, fazendo sexo entre si, com outros garotos (dominantes e/ou mais velhos) ou com mulheres. Além disso, é muito freqüente que os garotos estejam travestidos.

Shoujo: Trabalho com temática e visual voltados para o público feminino. As histórias são românticas e as personagens têm traço limpo e características femininas, mesmo os homens (geralmente com visual bastante idealizado).

Shunga: Termo japonês para figuras eróticas. Tipo de gravura, normalmente feita utilizando blocos de madeira (*ukiyo-e*), ou, em raros casos, com pincéis. *Shunga* significa, literalmente, “figura de primavera”; “primavera” é um eufemismo comum para sexo.

Succubus: Do latim *succuba*, prostituta. Demônio mitológico feminino que seduz homens (especialmente monges) em sonhos para manter relações sexuais. Elas sugam a energia dos homens para sobreviverem, freqüentemente até a completa exaustão ou morte da vítima.

Ukiyo-e: Gênero de xilogravuras japonesas produzidas entre os séculos XVII e XX, retratando motivos de paisagens, do teatro e de lugares agradáveis.

Visual novel: Videogame de ficção interativo, contendo imagens estáticas (geralmente com traço de animê); o jogador “navega” pela história através de opções de ação de múltipla escolha, o que possibilita finais múltiplos.

Voyeurismo: Diz-se da prática sexual onde a pessoa obtém prazer com a observação. Comparar com *exibicionismo*.

WTF: Da expressão em inglês “*what the fuck?*”. Hentai tipo WTF tem como características principais o ineditismo e o absurdo, transforma em pornografia ou dá aspecto erótico a coisas quase impossíveis de se imaginar nesse contexto, ou adiciona ao hentai já existente algo completamente inesperado.

Yaoi: Termo controverso de origem japonesa, usado para designar histórias ou ilustrações focadas em relações homossexuais masculinas, geralmente feitas por desenhistas mulheres para uma audiência feminina heterossexual. A palavra *yaoi* é um acrônimo de origem japonesa (*yama nashi, ochi nashi, imi nashi*), normalmente traduzida como “sem clímax, sem razão, sem problema” (*no peak, no point, no problem*). O termo parece ser usado originalmente no Japão (provavelmente desde os anos 1970) para qualquer *doujinshi* que fosse uma paródia bizarra e engraçada, e eventualmente passou a ser aplicado para designar materiais de conteúdo homossexual sexualmente explícito.

Yuri: Palavra japonesa para “lúrio”, geralmente designa a relação homossexual entre mulheres. Como gênero de mangá, é específico em seu foco em um casal ou nas aventuras de uma garota, fazendo uso de poucos ou nenhum elemento fantástico e dando algum espaço para a relação sentimental entre as garotas.

Zoofilia: Fetiche envolvendo sexo com animais. Comparar com *furry*.

Anexo I

| Mangás hentai publicados pela Eros Comix (EUA) até junho de 2006 http://eroscomix.com/ | Mangás publicados pela JBC (Brasil) até junho de 2006 http://mangasjbc.uol.com.br/ |
|--|--|
| <p>Alice in Sexland Bondage Fairies (Original) Bondage Fairies (New) Bondage Fairies Extreme Bondage Fairies: Fairie Fetish Co-Ed Sexxtasy Countdown: Sex Bombs God of Sex Hot Tails Hot Tails Extreme Kung Fu Girl Lust Misty Girl Extreme Pink Sniper Princess of Darkness S&M University Secret Plot Secret Plot Deep Sex-philes Sex Warrior Isane Sex Warrior Isane XXX Sexcapades Sexhibition Silky Whip Silky Whip Extreme Slut Girl Spunky Knight Spunky Knight Extreme Super Fist Ayumi Super Taboo Temptation Voice of Submission Voice of Submission: Gehenna Were-Slut Wingding Orgy: Hot Tails Extreme</p> | <p>Angelic Layer B'tX Bastard!! Chobits Cowboy Bebop Fruits Basket Guerreiras Mágicas de Rayearth Gunmm Inu-Yasha Love Hina Love Junkis Mouse Negima! Onegai Teacher Princesa e o Cavaleiro, A Sakura Card Captors Samurai X Shaman King Star Wars Tokyo Babylon Tsubasa Reservoir Chronicle Video Girl X xxxHolic Yu Yu Hakusho</p> |

Anexo II

Entrevista com Flávio Uriondo

Flávio Uriondo é responsável pela loja on-line Banca 2000

<http://www.banca2000.com.br>

Como a Banca 2000 trata os mangás hentai? Como mangá pornográfico ou como pornografia em formato mangá?

Flávio: Eu trato o hentai como mangá pornográfico e não pornografia em formato de mangá. Eles tem uma linguagem particular, bem diferente dos outros materiais eróticos.

Os compradores de hentai costumam comprar também outros mangás ou outros quadrinhos pornográficos?

Flávio: Geralmente os compradores de hentai são compradores de mangá, com poucas exceções.

Hentai tem venda significativa? Como se compara a outros mangás e a outros quadrinhos para maiores?

Flávio: Os hentai vendem pouco menos que os mangás [comuns]; títulos como *Mouse* e *Love Junkies* vendem praticamente a mesma coisa, os outros vendem menos.